

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE GOIÁS
RODRIGO DE ALMEIDA DIAS

**O TRABALHADOR DA PRODUÇÃO DE CANA-DE- AÇÚCAR NO
MUNICÍPIO DE INHUMAS-GO**

GOIÁS-GO

2011

RODRIGO DE ALMEIDA DIAS

O TRABALHADOR DA PRODUÇÃO DE CANA-DE-AÇÚCAR NO MUNICÍPIO DE INHUMAS-GO

Monografia de conclusão de Curso apresentada ao Curso de Licenciatura em Geografia, na Unidade Universitária de Goiás, da Universidade Estadual de Goiás, para obtenção do título de licenciado em Geografia.

Orientador: Profa. Msc. Karla Annyelly Teixeira de Oliveira

GOIÁS-GO

2011

RODRIGO DE ALMEIDA DIAS

O TRABALHADOR DA PRODUÇÃO DE CANA-DE- AÇÚCAR NO MUNÍCIPIO DE INHUMAS-GO

Monografia apresentada no dia ___/___/2011 à Banca Examinadora, como requisito para a obtenção do grau de Licenciada em Geografia, da Universidade Estadual de Goiás Unidade Universitária de Goiás.

Membros da Banca Examinadora

Prof. Ms. Jean Molinari
UEG/Goiás (avaliador)

Prof. Dr. Murilo Mendonça de Oliveira Souza
UEG/Goiás (avaliador)

Prof^a. Ms. Karla Annyelly Teixeira de Oliveira
UEG/Goiás (orientadora)

Dedico esse trabalho aos meus pais Divino Dias da Silva, Dirce Maria de Almeida Dias, meu irmão Rafael Almeida Dias e a minha namorada Kamysnky Lohanny dos Santos e Silva, sendo essas pessoas as maiores incentivadoras para que eu esteja concluindo essa fase importante da minha vida. Acredito que foi muito compensativo ter enfrentado todas as dificuldades para agora ser motivo de orgulho para as pessoas nas que me referi.

Agradecimento

Agradeço primeiramente a Deus, pelo dom da vida, sabedoria e força para concluir mais uma difícil etapa da minha vida. Muitos foram os caminhos percorridos nesses quatro anos e muitos os desafios enfrentados e superados, o que me trouxe a reflexão de ser cada dia mais grato ao Deus da minha vida.

Sou muito grato aos meus queridos pais Divino e Dirce que não mediram esforços para me educar e me ensinar a ser um homem digno e honesto. Meus pais sempre acreditaram em mim e mesmo não sabendo o valor do conhecimento nunca deixaram de me incentivar. Sou grato também pela amizade e presença do meu irmão Rafael.

Agradeço a minha namorada Kamynnsky pela ajuda e compreensão. O meu muito obrigado a professora Karla que muito contribuiu para o meu crescimento e realização desse trabalho. Agradeço ainda a todos que cederam entrevistas, opinou e ajudou para que esse trabalho fosse concluído.

Pela amizade e companheirismo do meu amigo Gabriel e toda turma do 4º ano de geografia.

Enfim, concluo agradecendo novamente a Deus por ter colocado todas essas pessoas em minha vida e ter me ajudado a superar o desafio e a dificuldade de escrever.

RESUMO

Diante do tema o trabalhador do corte da cana-de-açúcar do município de Inhumas – GO tivemos o propósito de estabelecer um perfil socioeconômico desse trabalhador, para a construção de indicadores com relação à condição profissional, educacional e cultural do cortador de cana-de-açúcar desse município. Para obter as informações necessárias a respeito da caracterização dos trabalhadores cortadores de cana-de-açúcar, a pesquisa teve o caráter qualitativo em relação às investigações sobre os trabalhadores a partir da forma e características que foram inseridos no trabalho do corte da cana-de-açúcar. E também quantitativa com relação a dados específicos que se trata da identificação do trabalhador. Os resultados obtidos e analisados estão representados por meio de gráficos, podendo assim ser estabelecida uma análise qualitativa e quantitativa do sujeito estudado. Dessa forma, essa pesquisa constitui em uma tentativa de entender a forma de vida do cortador de cana-de-açúcar no município de Inhumas, caracterizando a realidade vivida por esses trabalhadores, além de estabelecer uma possível resposta para a migração de trabalhadores para o corte da cana-de-açúcar.

Palavras - chave: Cana-de-açúcar. Trabalhadores. Inhumas.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Mapa 01 – localização do município de Inhumas no Estado de Goiás.....	12
Mapa 02 – Principais cidades, vias de circulação e rios de Goiás	16
Quadro 01 – Produção agrícola goiana por município.....	17
Gráfico 01 – Produção de cana-de-açúcar por mesorregião de Goiás.....	19
Mapa 03 – Distribuição das usinas no Estado de Goiás em 2007.....	21
Quadro 02 – Usinas de álcool no Estado de Goiás	22
Mapa 04 – Localização da Centroalcool no município de Inhumas – GO.....	27
Mapa 05 – Carta Imagem da Centroalcool no município de Inhumas – GO....	28
Foto 01 – Usina da Cidade de Inhumas (Centroalcool).....	29
Foto 02: Estrutura Centroalcool – Inhumas – GO	29
Quadro 03 – Áreas arrendadas pela Centroalcool de Inhumas – GO	30
Mapa 06 – Localização da Centroalcool em Inhumas – GO e áreas de cultivo de cana-de-açúcar.....	31
Gráfico 02 – Idade do trabalhador da cana-de-açúcar em Inhumas – GO.....	36
Gráfico 03 – Grau de escolaridade do trabalhador da cana-de-açúcar em Inhumas – GO	36
Gráfico 04 – Estado Civil do trabalhador da cana-de-açúcar em Inhumas – GO	37
Gráfico 05 – Número de filhos do trabalhador da cana-de-açúcar em Inhumas – GO	38
Gráfico 06 – Trabalho anterior do trabalhador da cana-de-açúcar em Inhumas – GO	47
Gráfico 07 – Modo de acesso ao trabalho do trabalhador da cana-de-açúcar de Inhumas – GO.....	47

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	08
1 O CONTEXTO DA PRODUÇÃO DE CANA-DE-AÇÚCAR NO ESTADO DE GOIÁS E NO MUNICÍPIO DE INHUMAS.....	10
1.1 PRODUÇÃO DA CANA-DE-AÇÚCAR NO BRASIL.....	10
1.2 PRODUÇÃO DA CANA-DE-AÇÚCAR EM GOIÁS.....	12
1.3 PRODUÇÃO DE CANA-DE-AÇÚCAR EM INHUMAS – GO.....	26
2 A TRAJETÓRIA DO TRABALHADOR MIGRANTE NA PRODUÇÃO DE CANA-DE-AÇÚCAR.....	33
2.1 A MIGRAÇÃO EM GOIÁS.....	33
2.2 CARACTERIZAÇÃO DOS TERRITÓRIOS DA MIGRAÇÃO PARA O TRABALHO NA CANA-DE-AÇÚCAR EM INHUMAS – GO.....	35
3 TRABALHO NA PRODUÇÃO DA CANA-DE-AÇÚCAR EM INHUMAS (GO).....	40
3.1 O TRABALHO NO CAMPO.....	40
3.2 O CAMPONÊS E O CAMPESINATO.....	41
3.3 O AGRONEGÓCIO E O CAMPONÊS.....	43
3.4 CONDIÇÕES DE TRABALHO NA PRODUÇÃO DA CANA-DE-AÇÚCAR EM INHUMAS-GO.....	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS.....	52
ANEXOS.....	55

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Esse estudo abordou a condição do trabalho, o perfil socioeconômico, os motivos e localidades de onde vieram os trabalhadores que atuam como cortadores de cana-de-açúcar. Trata-se de uma profissão reconhecida pelo CBO (Classificação Brasileira de Ocupações), sendo a função cadastrada como cortador de cana-de-açúcar.

A pesquisa realizada efetivou-se com 20 trabalhadores cortadores de cana-de-açúcar do município de Inhumas – GO, onde os questionamentos se estruturaram a partir de três eixos: (1) **identificação**: que abordou o sexo, escolaridade, idade, estado civil e filhos; (2) **migração**: que tratou da naturalidade, município de moradia e tempo, situação residencial e renda familiar; (3) **trabalho** com foco nos tipos de trabalhos exercidos antes do corte da cana-de-açúcar, maneira que conseguiu o trabalho na cidade de Inhumas no corte da cana-de-açúcar, período de trabalho, renda mensal, vantagens e desvantagens no trabalho do corte da cana-de-açúcar.

A pesquisa considerou também a questão da produção sucroalcooleira no Brasil, Goiás e Inhumas com base em publicações sobre o assunto e em dados secundários obtidos em pesquisas via internet, os quais estão demonstrados por gráficos, tabelas e matérias cartográficas. Além disso foi feita uma entrevista com o Sr. José Francisco (gerente da Usina Centroalcool) sobre os trabalhadores e a produção da cana em Inhumas, visto que o mesmo respondeu perguntas que foram elaboradas por orientando e orientadora, sendo que o mesmo preferiu seguir o roteiro da entrevista e escrever o próprio texto.

Portanto, o trabalho teve caráter qualitativo em relação a investigações sobre os trabalhadores a partir da forma e características que foram inseridos no trabalho do corte da cana-de-açúcar. E também quantitativa com relação a dados específicos que se trata da identificação do trabalhador. Os resultados obtidos e analisados estão representados por meios de gráficos, podendo assim ser estabelecida uma análise qualitativa e quantitativa do sujeito estudado. Assim, os dados obtidos são apresentados e discutidos nos três capítulos que compõem a monografia.

A abordagem do primeiro capítulo é a produção de cana-de-açúcar no Brasil e em partes do Estado de Goiás, com foco em Inhumas, englobando o

levantamento histórico do mesmo ressaltando seus aspectos físicos, naturais e espaciais.

Na sequência, no segundo capítulo, enfocamos a trajetória do trabalhador migrante na produção da cana-de-açúcar, visando estabelecer analogias da condição de migração geral do País com a condição regional dos trabalhadores que buscam condição ocupacional de maneira braçal no corte da cana-de-açúcar, bem como a caracterização socioeconômica e cultural do cortador de cana-de-açúcar do município de Inhumas – GO.

O último capítulo aborda as condições gerais de trabalho no corte da cana-de-açúcar, especificando e enfocando essas condições da cidade de Inhumas – GO. Faz-se uma discussão sobre o trabalho no campo, o camponês e sua relação com o agronegócio.

Nas considerações finais, apresentam-se os resultados da pesquisa, formando a conclusão geral que o agronegócio e a monocultura da cana-de-açúcar conseguem movimentar e dinamizar o trabalho do corte da cana-de-açúcar em Goiás e no município de Inhumas, fazendo com que ocorra uma migração permanente de trabalhadores de outras cidades e estados para suprir a mão-de-obra necessária.

1 O CONTEXTO DA PRODUÇÃO DE CANA-DE-AÇÚCAR NO ESTADO DE GOIÁS E NO MUNICÍPIO DE INHUMAS.

Nesse capítulo há conteúdos relacionados ao surgimento da produção de cana-de-açúcar no Brasil, no Estado de Goiás e especificamente no município de Inhumas, uma breve busca na história do surgimento da produção de cana-de-açúcar no Brasil. Dando seqüência, fazemos uma apresentação de como essa produção se alastrou no Estado de Goiás e mais precisamente pontuamos as condições de Inhumas nesse mercado que tem se desenvolvido a cada dia.

1.1 PRODUÇÃO DA CANA-DE-AÇÚCAR NO BRASIL

Primeiramente acredito ser essencial conhecer de forma breve a história da cana-de-açúcar no Brasil ou o surgimento da mesma. As primeiras mudas de cana-de-açúcar surgiram no Brasil por volta dos anos de 1530, as mesmas se espalharam rapidamente por nossos solos férteis. Desde o início da produção, a mão-de-obra utilizada era escrava, principalmente trazida da África. O primeiro centro açucareiro do Brasil foi o estado de Pernambuco e daí se alastrou por todo país.

O clima tropical existente no Brasil foi e continua sendo essencial para a produção da cana-de-açúcar, desta forma, este se tornou um fator primordial para a expansão da cana-de-açúcar no país. A partir dessa expansão começaram a surgir colônias, fazendo com que através da produção da cana-de-açúcar o processo de fixação e sustentação no território por parte dos portugueses acontecesse, contando ainda com o fato da reorganização do território brasileiro. Essa idéia se destaca na citação a seguir:

A introdução da produção da cana de açúcar no Brasil data do século XIX, início do período colonial. Já em meados do século XVII, o Brasil tornou-se o maior produtor de açúcar de cana do mundo, na época destinada ao abastecimento da Europa, num ciclo que durou 150 anos, os ciclos iniciais da expansão da cultura de cana de açúcar deixaram de herança o avanço da fronteira agrícola sobre áreas naturais, principalmente no bioma mata atlântica, hoje com somente 7% de sua cobertura original, as práticas agrícolas arcaicas resultantes do mau uso e contaminação das águas e consolidação de relações de trabalho que em muito seguiram as tradições e injustiças do período colonial. (LACHEFSKY, 2006 apud OLIVEIRA E FERREIRA, 2007, sem numeração).

Com o surgimento da crise do petróleo, na década de 1970, surgiu no Brasil o PROALCOOL (Programa Nacional do Álcool) com o objetivo de diminuir a dependência externa de energia. O Proálcool contribuiu também para a expansão da cana-de-açúcar no Brasil, pois, a partir de seu surgimento, ocorreram grandes avanços nas indústrias sucroalcooleiras. O Brasil se encontra como um dos países mais avançados, quando se trata da produção e da utilização do etanol como combustível:

Um novo ciclo surgiu na crise do petróleo na década de 1970. O programa nacional do álcool (PROALCOOL), lançado em 14 de novembro de 1975, propiciou e foi beneficiado por melhorias genéticas e criação de sementes adaptadas, melhorias tecnológicas nas usinas e destilarias e desenvolvimento nas indústrias automobilísticas. Pouco mais de dez anos depois do lançamento do programa, entre 1986 e 1989, mais de 90% dos automóveis fabricados no Brasil eram movidos a álcool hidratado. (BIODIESELBR, 2006 apud OLIVEIRA E FERREIRA, 2007, sem numeração).

A expansão da produção da cana-de-açúcar continuou e se consolidou. Segundo Ferreira (2007), o Brasil é o maior produtor de cana-de-açúcar do mundo, seguido da Índia, Tailândia e Austrália, e é responsável por 45% da produção mundial de etanol combustível. Afirma ainda, que a cultura da cana-de-açúcar permitiu uma produção nacional de etanol de 14,5 bilhões de litros em 2005, mais de 2 bilhões dos quais destinados a exportação. Na citação a seguir percebemos a origem da cana-de-açúcar e sua importância econômica:

Essa é uma gramínea perene, originária da Ásia, pertencente a família *Poaceae*, do gênero *Saccharum*, própria de localidades com clima quente e úmido. A importância econômica da cana-de-açúcar está no fato de mesma poder fornecer matéria prima para diversas indústrias de produtos alimentícios, tais como açúcar, rapadura, aguardente e para as indústrias farmacêuticas e automobilísticas, como o álcool afirmou (SILVIA e PELEGRINI, 2003 apud CASTRO 2008, sem numeração).

Segundo estimativas do Instituto de Economia Agrícola (IEA), a área de plantio de cana-de-açúcar no Brasil vai chegar a doze (12,2) milhões de hectares na safra 2015/16, produzindo assim 900 milhões de toneladas de cana-de-açúcar e 26 bilhões de litros de álcool.

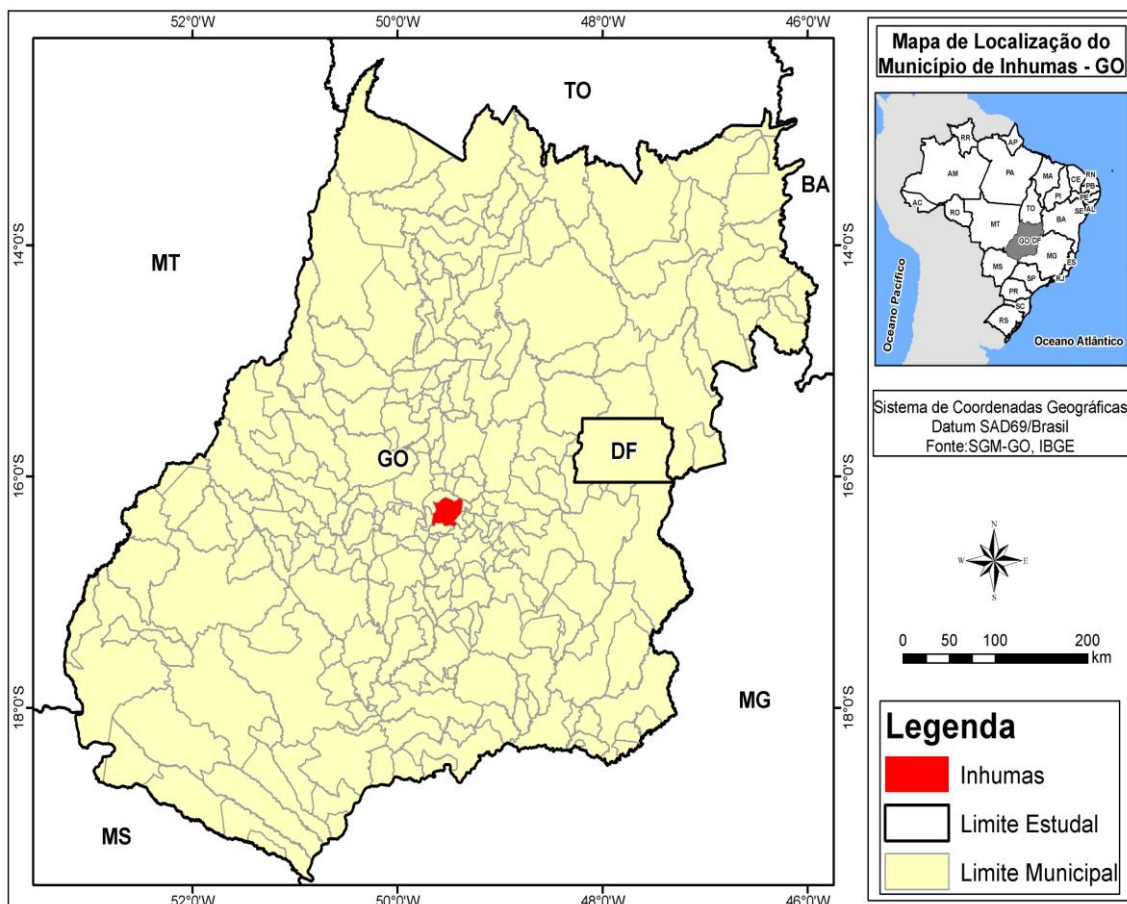
A expansão das lavouras de cana-de-açúcar no Brasil, iniciada pela demanda global de etanol, tem uma rota particularmente traçada onde além de São

Paulo, o maior estado na produção nacional, tem destaque também os estados de Goiás e de Minas Gerais (PIETRAFESA, 2006). Segundo Pietrafesa (2006, não numerada), “a produção da cana-de-açúcar em Goiás entre os anos de 2006 e 2007 teve um aumento de 40% da área plantada.” O contexto de produção de cana-de-açúcar em Goiás é assunto do próximo tópico.

1. 2 PRODUÇÃO DA CANA-DE-AÇÚCAR EM GOIÁS

Para introduzir a produção da cana-de-açúcar em Goiás apresento primeiramente a localização do Estado na escala nacional, demonstrando seus limites estaduais e desde já apresento também o município de Inhumas, que é o local onde ocorre essa pesquisa.

Mapa 01: localização do município de Inhumas no Estado de Goiás



ORG. : GARCIA (2011)

O Estado de Goiás, segundo Couto (2008), surge nacionalmente no cultivo da cana-de-açúcar para produção de etanol e açúcar, destinados a abastecer

o mercado interno e à exportação. Para compreensão do crescimento rápido e acelerado da monocultura da cana-de-açúcar é necessário entender a dinâmica capitalista global, o crescente discurso voltado para a questão ambiental (onde o etanol torna-se uma alternativa ao petróleo), a crise no setor agropecuário e por último, o caso do cerrado, sua disponibilidade de terras apropriadas para atender à demanda por áreas agricultáveis. A autora também fala de outra perspectiva de análise dessa atividade, como mostra a citação:

Refere-se aos impactos trazidos na configuração espacial onde as mesmas são localizadas. Um pesquisador atento que visite o sudoeste goiano, as cidades e suas áreas de influência, como por exemplo, Mineiros, Maurilândia e outras perceberá como o grande capital atua na sociedade numa relação desigual, onde as empresas assumem ao compromisso social de “dar emprego” e “gerar receita municipal” em troca da permissão de explorar o potencial local, logístico e infra-estrutura que cada lugar se propõe a oferecer para atrair a instalação de tais indústrias (COUTO, 2008, p. 01).

A prática da atividade canavieira em Goiás tem gerado alguns impactos e conflitos, dentre os quais destacam-se: a pressão sobre a pequena e média propriedade rural, inviabilizando os usos praticados pela agricultura familiar; a coação sobre as áreas de preservação permanente; a degradação do solo; a exposição à vulnerabilidades das tradições rurais e populações minoritárias (indígenas, ribeirinhas); o estímulo ao processo migratório principalmente para a colheita da cana-de-açúcar. A citação a seguir reafirma os problemas causados pela prática canavieira em Goiás:

Exploração dos trabalhadores no que se refere aos direitos trabalhistas, das condições de segurança no trabalho, pressão para o aumento da produtividade provocando problemas à saúde, etc.; contradição entre a queima do canavial para o corte manual, mecanização e desemprego; instalação de empresas sem a garantia de sua responsabilidade social, apenas explorando a região onde se instalam sem proporcionar uma contribuição efetiva ao lugar (RODRIGUES e ORTIZ, 2006 apud COUTO, 2008, p. 03).

O estado de Goiás enfrenta diversos desafios para o monitoramento dos aspectos relacionados à sustentabilidade da produção de açúcar e álcool, começando pelo monitoramento do dinâmico mercado de terras e da expansão

geográfica do cultivo da cana que se observa no Estado. Segundo Oliveira e Ferreira (2007) existem dados contraditórios entre o setor produtivo, os governos estaduais e municipais e sindicatos de trabalhadores sobre a substituição das atividades rurais pela cana. Este é um aspecto a ser monitorado em tempo real nos próximos anos através de outros métodos que não somente as estatísticas consolidadas oficiais, que apresentam certa defasagem.

A migração de áreas de grãos para a cultura da cana-de-açúcar segundo os autores referenciados acima, já preocupa a Federação da Agricultura do Estado de Goiás, temendo uma redução na produção de alimentos e possível desemprego no campo:

É preciso ter cuidado para não cair na tentação da monocultura, tendo como objetivo que o Estado tenha uma produção equilibrada, com uma diversificação das suas culturas. Sendo assim, havendo ordenação e organização principalmente do Estado de Goiás, de produzir cana-de-açúcar, tomando-se potência no rumo de biocombustíveis, e ainda manter a produção de grãos num patamar elevado, não prejudicando o abastecimento e fornecimento dos mesmos (OLIVEIRA, FERREIRA, 2007, p. 13).

Essa produção de cana-de-açúcar que está cada vez mais aumentando em Goiás é benéfica em muitos aspectos, podendo destacar a geração de empregos, que em consequência gera desenvolvimento econômico para o estado, porém, manter-se aberta-a discussões, visando desenvolver sustentabilidade, evitando máximos impactos à região onde estão sendo implantadas.

Alem disso, para contextualizar a produção de cana-de-açúcar no estado de Goiás e posteriormente no município de Inhumas, percebo ser necessário voltar de forma breve à constituição territorial do nosso estado, para isso caminharei por algum tempo me embasando numa obra contemporânea do autor goiano Tadeu Arrais, numa linguagem simples e direta aborda o nosso estado.

Arrais, (2004) inicia sua obra dizendo que ultimamente Goiás tem aparecido nos encartes publicitários como um estado de potencialidades e moderno. Continua afirmando que existe uma tendência atual de dizer que a região Centro Oeste possa se consolidar como um bloco político e econômico em busca de espaço numa nova reforma tributária, dessa forma os estados dessa região tem

investido na atração de empreendimentos industriais para seu território com a expectativa de aumentar sua receita tributária e assim travar uma concorrência com cidades como São Paulo. A história de subordinação do território goiano ao sudeste brasileiro acontece há muitos anos, essa idéia pode ser percebida na citação:

De Goiás pela estrada de ferro no início do século XX, saíam arroz, café, couro, banha, bois, charque, açúcar, etc., com destino ao triângulo mineiro e São Paulo, onde havia uma grande demanda favorecida pelo nascente mercado de consumo urbano. O arroz foi o produto exportado por Goiás no primeiro quartel do século XX. Além disso a economia agrícola paulista, especialmente nas últimas décadas do século XIX, esteve ligada ao cultivo do café, o que favoreceu a expansão da fronteira produtora de alimentos e pecuária tradicional do para o sul goiano, área mais próxima geograficamente. (ARRAIS, 2004 p. 18).

Assim, com posição estratégica favorável as áreas de povoamento e do final da estrada de ferro, algumas cidades como Anápolis se desenvolveram e serviu como ponto de distribuição de mercadorias do mercado terciário. A partir da década de 1950, o mercado em Goiás se fortalece e Goiânia se consolida, e algumas cidades do sudeste goiano como: Rio Verde, Jataí, Itumbiara e Catalão. Já na década de 1970, Goiás tem seu perfil agrícola reforçado, pois, créditos agrícolas foram surgindo e além de tudo os solos ácidos do cerrado foram convertidos em terras agrícolas com a ajuda do calcário.

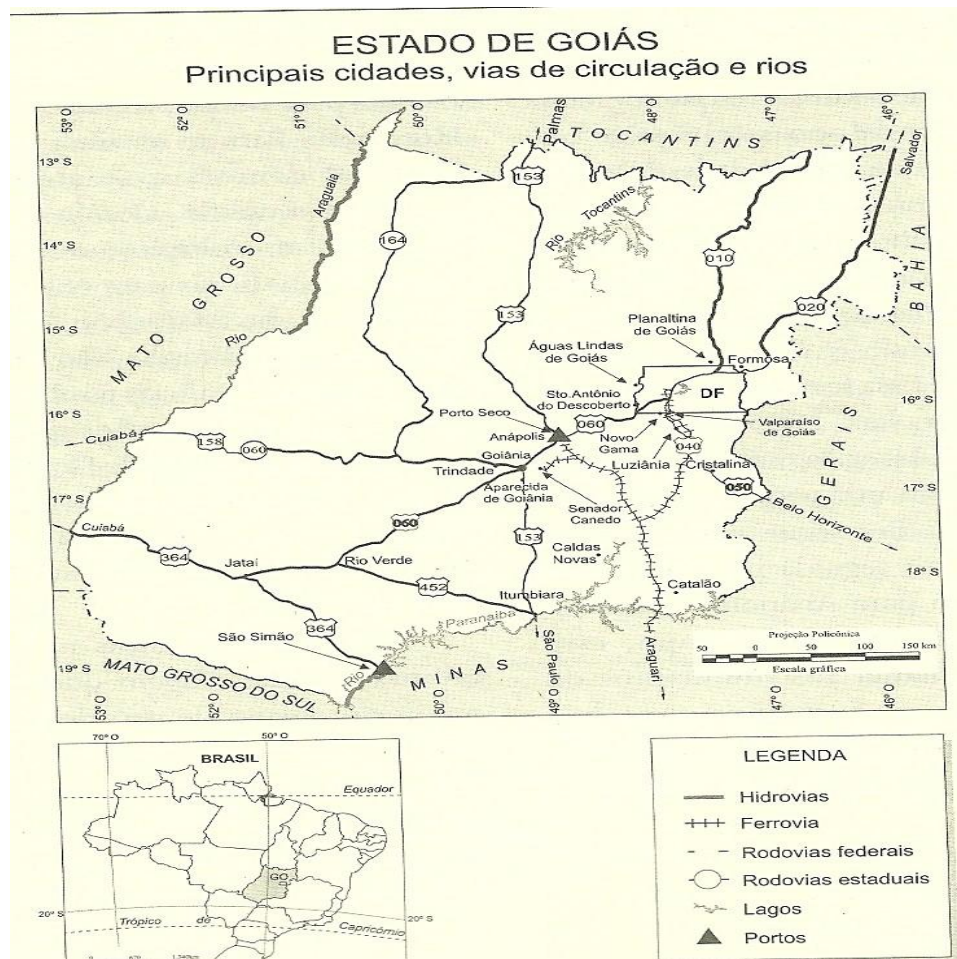
Arrais (2004, p 21) coloca ainda que o que ele pretende mostrar é que "o território goiano sofre influências de processos que estão além de suas fronteiras administrativas, mas também exerce algum tipo de influência em outros estados nacionais e até internacionais", como prova a citação:

Nossa produção não atende mais as demandas apenas de nossas cidades ou fazendas, como no passado. Ao contrario exportamos soja, carnes, roupas, remédios para diversos países do mundo, e assim o que ocorre no mundo tem reflexo aqui. Vale notar que por mais que Goiás produza soja, por exemplo, não são determinadas pela economia interna. A internacionalização dos preços é uma das características da globalização, o que contrasta com o poder de consumo diferencial dos países. (ARRAIS, 2004 p. 21)

Goiás tem apresentado nos últimos anos um saldo positivo no que se refere às exportações, segundo a SEPLAN (2003) (Secretaria de Estado de Planejamento) o estado de Goiás exportou no ano de 2002 quase 650 milhões de

dólares, sendo assim, vimos que a produção no estado é intensa, para atender toda essa demanda de produção é necessário que Goiás possua um sistema de rede de transportes e comunicação organizada. Porém, principalmente no período chuvoso não faltam reclamações dos produtores sobre esse aspecto. Dessa forma, verificar o mapa 02 a seguir é importante, pois possibilita conhecermos as principais cidades goianas e suas vias de circulação (ARRAIS, 2004).

Mapa 02: Principais cidades, vias de circulação e rios de Goiás



Fonte: Arrais 2004.

A partir da década de 1980, segundo Arrais (2004), a economia goiana tem se modificado, na época o milho e arroz seguido de longe pela soja eram os principais produtos goianos, já no ano de 2001, a soja se configurou um dos maiores produtos perdendo apenas para a cana-de-açúcar, que por sinal é o objeto de trabalho dos cortadores de cana que analisamos nesse trabalho. Assim, em

síntese os principais produtos agrícolas goianos são: soja, cana de açúcar, milho, algodão e o tomate.

Na tabela 01 podemos analisar a produção agrícola goiana por microrregiões, e fazendo isso percebemos que das 18 microrregiões analisadas 11 plantam cana-de-açúcar.

Quadro 01: Produção agrícola goiana por microrregião.

MICRORREGIÃO	TOTAL DA PRODUÇÃO (t)	% EM RELAÇÃO AO ESTADO	ALGUMAS DAS PRINCIPAIS CULTURAS PERMANENTES E TEMPORÁRIAS POR MICRORREGIÃO
Sudoeste de Goiás	4.357.187	44,26	Soja, cana-de-açúcar, milho, sorgo, trigo, tomate, feijão, girassol, algodão herbáceo (caroço) etc.
Meia Ponte	1.337.399	13,58	Soja, milho, tomate, laranja, limão, mamão, abacaxi, algodão herbáceo (caroço), cana-de-açúcar etc.
Entorno de Brasília	1.217.300	12,36	Alho, feijão, milho, tomate, soja, trigo, batata-inglesa, cana-de-açúcar, cebola, café, coco-da-baía, goiaba, limão, maracujá, abacaxi, algodão herbáceo (caroço) etc.
Vale do Rio dos Bois	741.254	7,53	Milho, abacaxi, algodão herbáceo (caroço), laranja etc.
Catalão	669.625	6,80	Trigo, batata-inglesa, cebola, abacate, café, alho, amendoim etc.
Pires do Rio	444.740	4,52	Milho, arroz, soja, mandioca, feijão, tomate, cana-de-açúcar etc.
Anápolis	206.945	2,10	Abacaxi, arroz, banana, goiaba, limão, melancia, maracujá, tomate, abacate, laranja etc.
Quirinópolis	200.372	2,04	Milho, arroz, mandioca, soja, feijão, abacaxi etc.
Ceres	143.344	1,46	Melancia, milho, soja, banana, coco-da-baía, maracujá, arroz, cana de açúcar etc.
Porangatu	126.232	1,28	Mandioca, milho, mamão, arroz, cana-de-açúcar etc.
Anicuns	85.568	0,87	Milho, tomate, laranja, abacaxi, arroz, banana etc.
Chapada dos Veadeiros	76.680	0,78	Feijão, mandioca, banana, café, feijão, arroz etc.
Vão do Paranã	61.317	0,62	Arroz irrigado, cana-de-açúcar, feijão, mandioca, melancia, café etc.
Goiânia	58.962	0,60	Milho, tomate, abacate, banana, café, limão, alho, batata doce etc.
Rio Vermelho	41.642	0,42	Algodão, soja, banana, maracujá, arroz, cana-de-açúcar, feijão etc.
Aragarças	25.832	0,26	Melancia, abacaxi, arroz, banana, feijão, milho etc.
Iporá	25.311	0,26	Milho, banana, cana-de-açúcar, abacaxi, arroz etc.
São Miguel do Araguaia	25.167	0,26	Milho, banana, arroz, cana-de-açúcar, mandioca etc.
Tótal	9.844.875	100,00	—

Fonte: Arrais 2004.

Dentre os municípios goianos Arrais (2004) afirma que Santa Helena de Goiás, na microrregião do Sudoeste goiano, foi o município em 2001 com maior

produção (1.654.220 t), vindo logo em seguida Goianésia, na microrregião de Ceres (1.136.00 t). Ressalta-se que o cultivo da cana-de-açúcar em Goiás tem o destinado para a produção de álcool e de açúcar, tanto para o mercado interno, quanto para exportação. As destilarias com maior produção de álcool no ano de 2001 foram: a Vale do Verdão S.A com 110.708 metros cúbicos, a Denusia Destilaria S.A, em Jandaia, com 54.540 metros cúbicos, e a Jalles Machado, com 39.034 metros cúbicos (ARRAIS, 2004).

A região Centro Oeste tem despontado com expansão no cultivo da cana-de-açúcar, principalmente, o estado de Goiás que teve um aumento de 81% da área plantada entre as safras de 1999/2000 e 2003/2004 e já responde por 6,6% da produção canavieira do Brasil. Esse crescimento está ligado a disposição de mão de obra e da declividade do relevo, o que favorece a mecanização. O Estado de Goiás no ano de 2007 possuía 15 usinas de açúcar e álcool e com pretensão de aumentar esse número para 51 novos projetos já aprovados pelo governo. Esse crescimento acelerado de usinas requer a intensificação de olhares para uma maior fiscalização de combate ao trabalho escravo, além da fiscalização ambiental, ou seja, plantio em áreas de reserva (OLIVEIRA E FERREIRA, 2007).

A proibição do plantio da cana-de-açúcar na Amazônia e no Pantanal tem sido um dos motivos utilizados para a expansão da cultura da cana-de-açúcar em Goiás, o que se preconiza é a ocupação de áreas de pastagens degradadas em Goiás para o cultivo da cana-de-açúcar (FAEG, 2009).

Goiás se transformou no Estado do Centro-Oeste mais visado por empresas do ramo sucroalcooleiro, devido principalmente, às vantagens de clima, solo e relevo. Mesmo que ocorra a ocupação de cana-de-açúcar em áreas de pastagens, observaremos que, de alguma forma, ocorrerá o desmatamento. Lembra-se ainda que a expansão da plantação de grão é muito significativa mais até que o plantio da cana (FAEG, 2009).

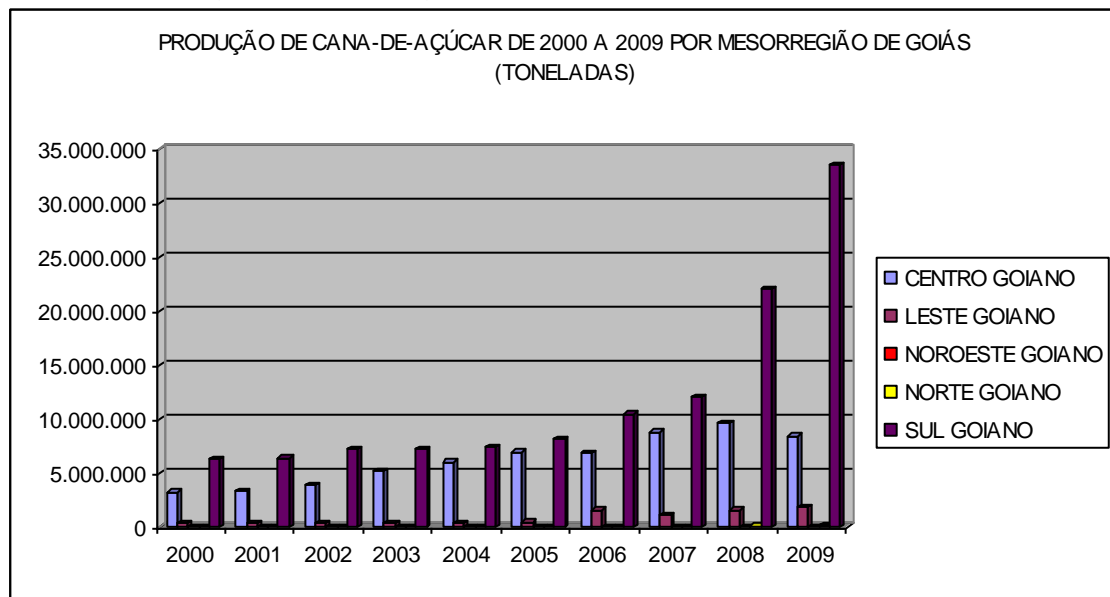
Recentemente a cana-de-açúcar vem ganhando espaços significativos sob uma ótica diferente de outras épocas no país. A região do cerrado se apresenta como área estratégica para o avanço do cultivo da cana-de-açúcar. Seus solos com fertilidade corrigida, terrenos com declividades aceitáveis para a mecanização, abundância de recursos hídricos, além de disponibilidade de mão-de-obra inclusive migrante, para as grandes colheitas manuais. Ocorre um crescimento significativo da área plantada do Centro-Oeste, com destaque para Goiás com um aumento de 81%,

contudo é a região Sudeste que produz 88% da cana-de-açúcar do Brasil (IEL 2006 apud COUTO, 2008, não numerada).

O zoneamento agroecológico da cana-de-açúcar propõe o fim da prática de queimada dos canaviais, o projeto estabelece que a colheita deva ser 100% mecanizada. Em Goiás, uma lei estadual definiu que 2028 é o prazo final para que as usinas sucroalcooleiras adotem integralmente essa prática. Atualmente cerca de 50% da cana-de-açúcar produzida em Goiás é colhida mecanicamente e para a adequação à lei é necessária mão-de-obra especializada que é ainda muito escassa (FAEG, 2009).

A produção de cana-de-açúcar no estado de Goiás é um fato notável nos últimos anos, principalmente no Sul Goiano que é onde se encontra grande parte das usinas sucroalcooleiras do Estado (gráfico 01).

Gráfico 01: produção de cana-de-açúcar por mesorregiões de Goiás.



Fonte: SEPLAN-GO (2011).

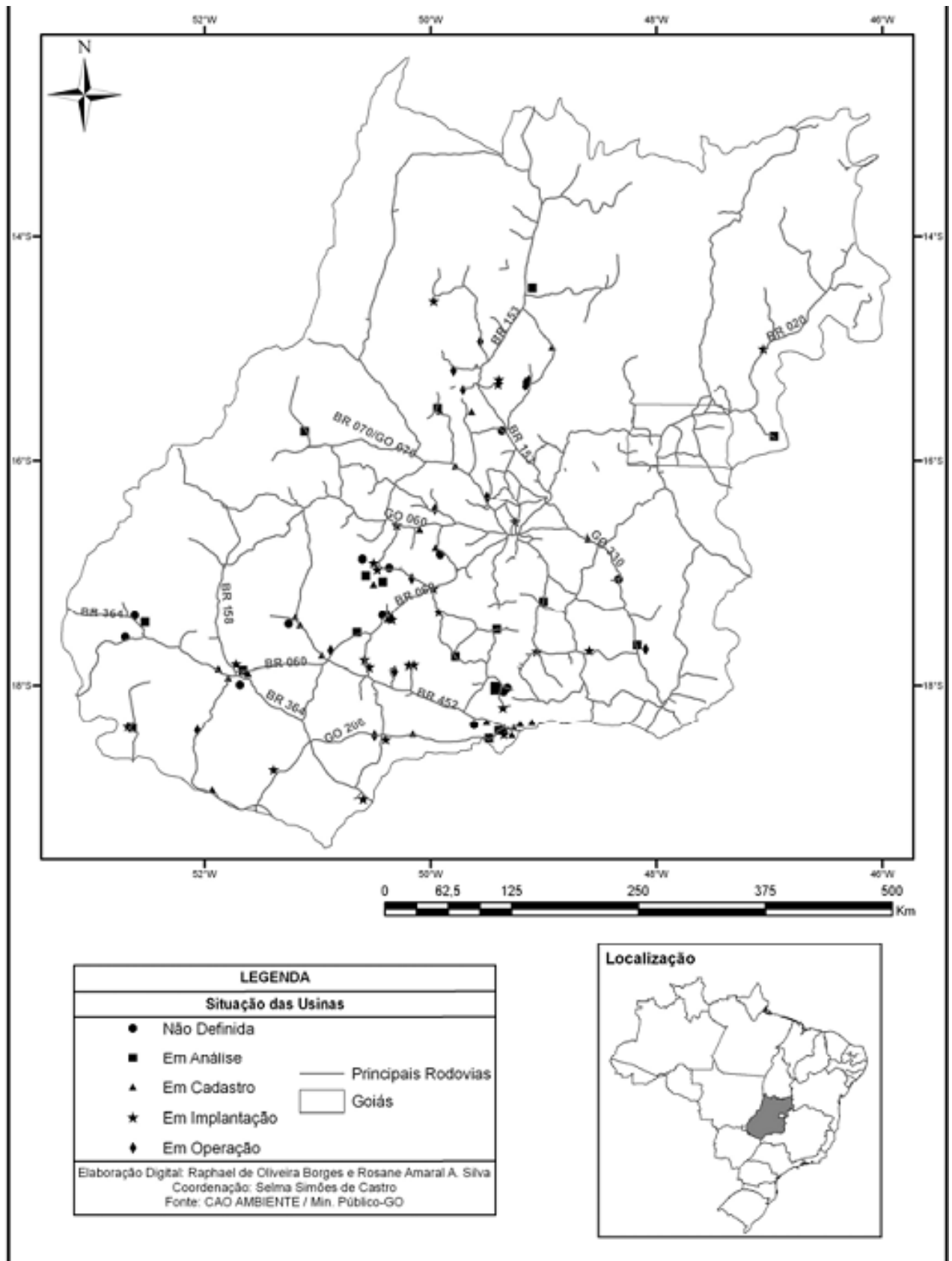
É importante destacar a concentração na Mesorregião Sul Goiano, devido à dotação de infra-estrutura e pela qualidade da terra desta região.

No estado de Goiás, segundo Castro (2007 apud CASTRO, 2008) eram esperadas cerca de 100 usinas até 2012, das quais 48 já estavam em operação ou em implantação e 52 em análise, em cadastro ou cujos dados ainda não permitiam definir seu estágio:

Destacam os municípios de Itumbiara, Paraúna, Santa Helena e Jataí, que respondem por cerca de 20% do total das 100 usinas, embora a maioria se encontre em situação de cadastro e análise. Nessas áreas predominam uso agrícola e pecuário intensivos, solo com maior aptidão para a cultura vem se desenvolvendo de maneira espontânea, e relacionada aos principais eixos rodoviários, garantindo a exportação dos produtos, configurando uma espécie de zoneamento induzido. (CASTRO; BORGES; AMARAL, 2007, p.1).

Outra forma de demonstrar a concentração de usinas no sul goiano é a utilização do mapa 03, é visível essa concentração, quando observamos o mapa 03 e distribuição das usinas no estado de Goiás.

Mapa 03: Distribuição das usinas no estado de Goiás em 2007.



Fonte: CASTRO, 2008.

Com relação às regiões de instalação pode se observar no mapa 03, que dessas 100 usinas, 74% concentram-se na mesorregião Sul Goiano e 21% na mesorregião Centro Goiano. Observa-se também, que 95% das usinas em Goiás estão dispostas num eixo preferencial, o das BR's 153, 060, 452 e 364 que servem o Centro-Sul de Goiás (CASTRO, 2007 apud CASTRO, 2008). A tabela 02 apresenta as usinas no Estado de Goiás a partir da SEPLAN/SEPIM, (Secretaria de Estado de Gestão e Planejamento, Superintendência de Estatísticas, Pesquisas e Informações) de 2007 a 2009, mediante a situação em que se encontram.

Quadro 02: usinas de álcool no estado de Goiás

USINAS DE AÇÚCAR E ÁLCOOL NO ESTADO DE GOIÁS – SEPLAN/SEPIM (2007 a 2009)		
MUNICÍPIOS	USINAS	SITUAÇÃO
Acreúna	Usina Canadá S/A Cotril Açúcar e Álcool Ltda	Em Implantação
Anicuns	Anicuns S/A Álcool Derivados	
Aporé	Nardini Agroindustrial Ltda	Em Implantação
Cachoeira Alta	ETH Bioenergia S/A	Em Implantação
Cachoeira Dourada	USJ Açúcar e Álcool S/A – São Francisco	Projeto
Caçu	Mendo Sampaio S/A Rio Claro Agroindustrial Ltda	Projeto
Carmo do Rio Verde	CRV Industrial Ltda	
Chapadão do Céu	Usina Porto das Águas Ltda	
Edéia	Tropical Bioenergia S/A	
Goianésia	Codora Álcool e Energia Ltda (Unidade Otávio Lage) Usina Goianésia S/A Jalles Machado S/A	Projeto
Goiatuba	Goiasa Goiatuba Álcool Ltda Vale Verde Empreendimentos Agrícolas Ltda	
Gouvelândia	USJ Açúcar e Álcool S/A – São Francisco	Projeto
Inciolândia	Destilaria Rio dos Bois Ltda	Projeto
Inhumas	Centroálcool S/A Ipê Agro Milho Industrial Ltda	
Ipameri	LASA Lago Azul Ltda	

Itapaci	Vale Verde Empreendimentos Agrícolas Ltda	
Itapuranga	Vale Verde Empreendimentos Agrícolas Ltda	
Itarumã	Energética do Cerrado Açúcar e Álcool Ltda	Em Implantação
Itumbiara	Itumbiara Energética Ltda – Itel	Projeto
	Central Itumbiara de Bioenergia e Alimentos Ltda Usina Panorama S/A	Projeto
	Usina Planalto Ltda	Projeto
	Usina Santa Luzia de Açúcar e Álcool Ltda	
Jandaia	Denusa Destilaria Nova União S/A	
Jataí	Cosan Centroeste S/A Açúcar e Álcool	Em Implantação
	Elcana Goiás Usina Açúcar A. L.	Em Implantação
	Grupo Cabrera	Em Implantação
	Grupo Cansanção do Sinimbu	
Mineiros	Brenco Goiás Ind Com Etanol Ltda. M.	Em Implantação
	Brenco Goiás Ind Com Etanol Ltda. M.	
Montividiu	Cosan Centroeste S/A Açúcar e Álcool	Em Implantação
	Destilaria Serra do Caiapó S/A	
Morrinhos	Açúcar e Álcool Camargo e Mendonça Ltda – Camen	
Paraúna	Cosan Centroeste S/A Açúcar e Álcool	Em Implantação
	Usina Nova Gália Ltda	Projeto
	Paraúna Açúcar e Álcool S/A	
Pontalina	Usina Quixadá Fabricação de Açúcar e Álcool Ltda	Em Implantação
Porteirão	Usina São Paulo Energia e Metanol	
Quirinópolis	Usina Boa Vista S/A	
	USJ Açúcar e Álcool S/A – São Francisco	
Rio Verde	Usina Rio Verde Ltda	

Rubiataba	Cooperativa Agroind Rubiataba Ltda - Cooper-Rubi	
Santa Helena de Goiás	Usina Santa Helena de Açúcar e Álcool S/A	
Santo Antônio da Barra	Floresta S/A Açúcar e Álcool	
São Simão	Energética São Simão S/A	
Serranópolis	Usina Cansanção do Sinimbu S/A Energética Serranópolis Ltda	Em Implantação
Silvânia	Ouro Verde S/A	Em Implantação
Turvelândia	Vale do Verdão S/A Açúcar e Álcool	
Uruaçu	Uruaçu Açúcar e Álcool Ltda	
Vicentinópolis	Caçu Com.E Ind. De Açúcar e Álcool Ltda	
Vila Boa	Alda Part. e Agrop. S/A - CBB - Cia Bio. Brasileira	

Fonte: SEPLAN - GO (2009).

As mudanças ocorridas no meio rural, em função da inserção de tecnologia e do modo de produção capitalista, contribuiu para a evolução no cultivo da cana-de-açúcar em Goiás e para a exclusão dos produtores familiares da terra.

As mudanças no espaço rural com a implantação de novas tecnologias e novas formas de gerenciamento dos recursos naturais, inclusive na produção de energia interferem consideravelmente nas relações de produção e na organização dos produtores, em geral, e dos produtores familiares, em particular. Este processo de modernização (principalmente na implantação do conhecido padrão químico, mecânico e genético – QMG), implantado nas áreas rurais a partir da década de 1970, ampliou a produtividade do setor agropecuário, mas também acelerou o crescimento urbano industrializante deste espaço, o que multifacetou o campo e dificultou a identificação dos limites entre o rural e o urbano (SOTO, 2002 apud PIETRAFESA, 2006, p. 1)

O aumento da demanda por fontes alternativas de energia, as chamadas agroenergias, especialmente o biodiesel e o etanol, colocou o Brasil e o Cerrado no mapa de produtores de commodities agrícolas exportáveis em nível mundial (PIETRAFESA, 2006). Segundo a Secretaria de Planejamento de Goiás (SEPLAN, 2007), a demanda crescente por energias renováveis interfere

diretamente na paisagem produtiva do estado de Goiás, onde o estado abre mão da produção do milho, do arroz, da soja, do feijão entre outros. Portanto, percebe-se que a produção desse tipo de energia embora de contribuir com a redução da emissão de gases poluentes responsáveis pelo aquecimento global acarreta um outro conjunto de problemas para a sociedade. Conforme Pietrafesa (2006):

Não se pode questionar que a produção de álcool para utilização energética é um avanço em termos de alternativa ao setor, especialmente na perspectiva de uma fonte renovável. Esta produção, e sua contribuição para a preservação do meio ambiente, não pode ser vista apenas "do escapamento dos carros para traz". É necessário um conjunto de avaliações de impacto ambiental (como propostos pela EMBRAPA 2004) para medir os índices de sustentabilidade no sentido "escapamento de carro para frente", ou seja, quais são os impactos da expansão das lavouras de cana? Esta expansão se dará somente em pastagens degradadas ou avançará sobre áreas remanescentes de áreas do Cerrado? Quem serão os agricultores beneficiados? As relações trabalhistas nas lavouras de cana estão mesmo sendo formalizadas preservando a saúde dos trabalhadores?(PIETRAFESA, 2006, p.3).

As palavras citadas colocam uma pergunta que será evidenciada e discutida nessa pesquisa, se tratando das relações trabalhistas nas lavouras de cana-de-açúcar. O autor diante dessas indagações formula questões ainda mais críticas, estas precisam ser estudadas e analisadas, principalmente voltadas para a questão ambiental ou até o desenvolvimento sustentável.

A SEPLAN (2007) afirma que um grupo de trabalho integrado por representantes das Secretarias de Meio Ambiente, Agricultura, Indústria e comércio, apresentará propostas de resolução para garantir sustentabilidade. Um aspecto bastante relevante desse grupo de trabalho está na questão da realidade vivida pelos cortadores de cana-de-açúcar, enfatizando até mesmo a analogia ao trabalho escravo. A situação do trabalhador do corte da cana-de-açúcar e da poluição oriunda da queimada dos canaviais são tratados por Pietrafesa:

As preocupações do CDE/FCO se mostram bastante avançadas para a realidade goiana, em pelo menos dois aspectos. O primeiro diz respeito as

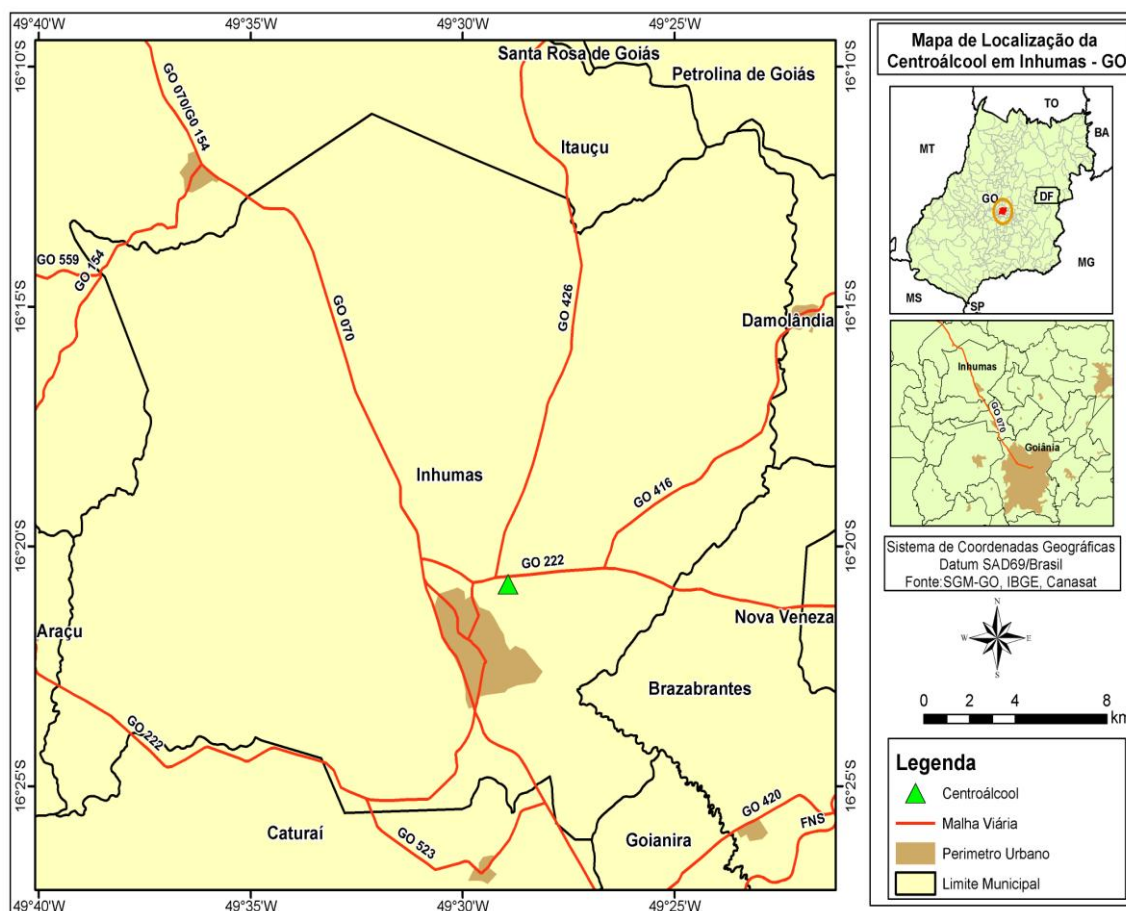
condições adversas em que vivem os cortadores de cana, nos alojamentos, na forma de contratação de seus serviços (trabalho análogo á escravidão), como tem sido freqüentemente denunciado pela imprensa local. O segundo diz respeito as questões ambientais, em que se verifica a poluição causada pelas queimadas que ocorrem no início das safras (abril e maio de cada ano)(PIETRAFESA, 2006, p.4).

Dessa forma percebemos que muitos dos questionamentos apontados pelo autor citado acima, serão indagadas nessa pesquisa com enfoque no trabalhador na cidade de Inhumas.

1.3 PRODUÇÃO DE CANA-DE-AÇÚCAR EM INHUMAS-GO.

Sabendo que é necessário e de suma importância conhecer a realidade da produção da cana-de-açúcar no município de Inhumas, utilizarei como fonte para esse trabalho uma pesquisa feita no ano de 2010, por Cruz, assim utilizarei e citarei o mesmo, pois dados sobre Inhumas são raros. Assim, percebemos que segundo essa pesquisa a cana-de-açúcar é a cultura de maior expressão, com uma produção de cinco milhões de toneladas em 2009, seguida da produção da laranja, outras frutas como limão, manga e maracujá também tem se destacado. No mapa a seguir é possível localizar o município de Inhumas juntamente com a localização da usina Centroalcool S/A, a qual faremos um breve histórico nos parágrafos posteriores.

Mapa 04: Localização da Centroalcool no município de Inhumas - GO



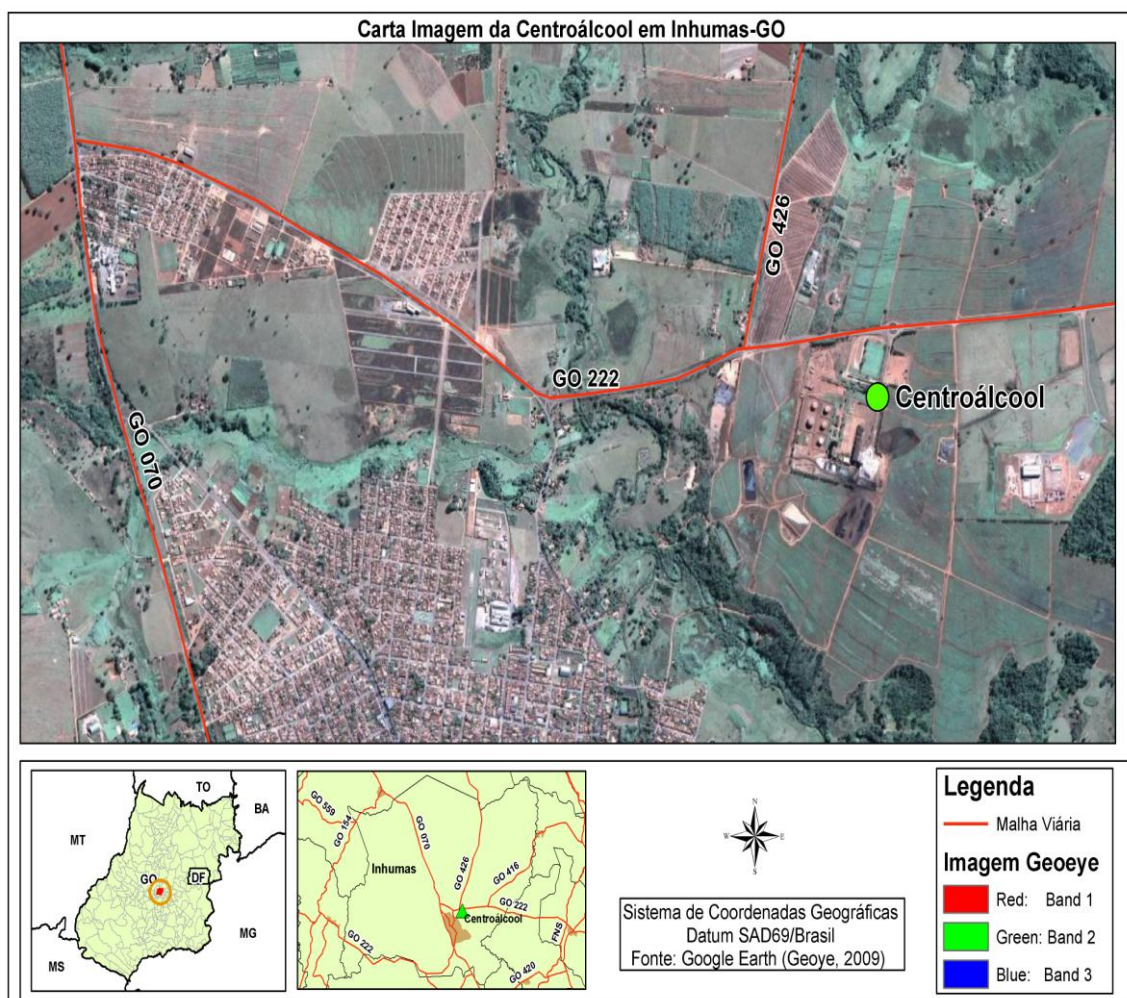
ORG. : GARCIA (2011).

Várias são as culturas que Inhumas possui, sendo elas permanentes e temporárias, porém a cana-de-açúcar é hoje o principal produto agrícola do município. Segundo o IBGE (2009) (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) Inhumas conta com 777 propriedades rurais, destas 111 estão arrendados para outras pessoas, 209 são cuidadas e utilizadas por seus proprietários e 457 simplesmente cedem suas terras para o arrendamento, que é feito pela usina Centroálcool.

Dessa forma, verificamos que esses trabalhadores não conseguem se estabelecer e plantar em suas terras e por isso arrendam suas propriedades por longos períodos que vão de 5 a 10 anos. Por vezes, este acaba não sendo um bom negócio, pois não conseguem lucrar o que esperavam e o solo de suas terras ficam empobrecidos com a plantação de cana-de-açúcar, sendo necessário esperar que o solo se restabeleça para a plantação de novas culturas.

Entendo também que seja primordial para essa pesquisa conhecer um pouco da história da única usina do município de Inhumas, a Centroalcool, que começou no ano de 1975 com a crise energética já citada anteriormente, e com o incentivo do programa Proálcool, que buscava alternativas para substituição do uso do petróleo. Segundo Cruz 2010, esse momento foi importante para Inhumas, pois um grupo de empresários com visão instalou a usina de álcool, hoje a empresa pertence à família do deputado federal Roberto Balestra. Na carta imagem abaixo é possível conhecer o local onde a usina Centroalcool S/A está instalada.

Mapa 05: Carta Imagem da Centroalcool no município de Inhumas - GO



ORG.: GARCIA (2011).

A Centroalcool envolve 15 municípios que plantam a cana-de-açúcar, de acordo com o esquema de arrendamento, possui mais de 2.600 funcionários diretos e mais de 200 prestadores de serviço, no ano de 2009 cerca de três milhões de

toneladas de cana-de-açúcar foram moídas (CRUZ, 2010). Nas imagens abaixo é possível verificar parte da área de produção da Centroalcool de Inhumas.

FOTO 01: Usina da Cidade de Inhumas (Centroalcool).



AUTOR: DIAS, R. A.. Em 17 de Outubro de 2011.

FOTO 02: Estrutura Centroalcool – Inhumas – GO



AUTOR: DIAS, R. A.. Em 17 de Outubro de 2011.

A área e a produção dos 15 municípios que plantam cana-de-açúcar para abastecer a Centroalcool são apresentadas na tabela 03.

Quadro 03: Áreas arrendadas pela centroalcoool s/a de Inhumas GO

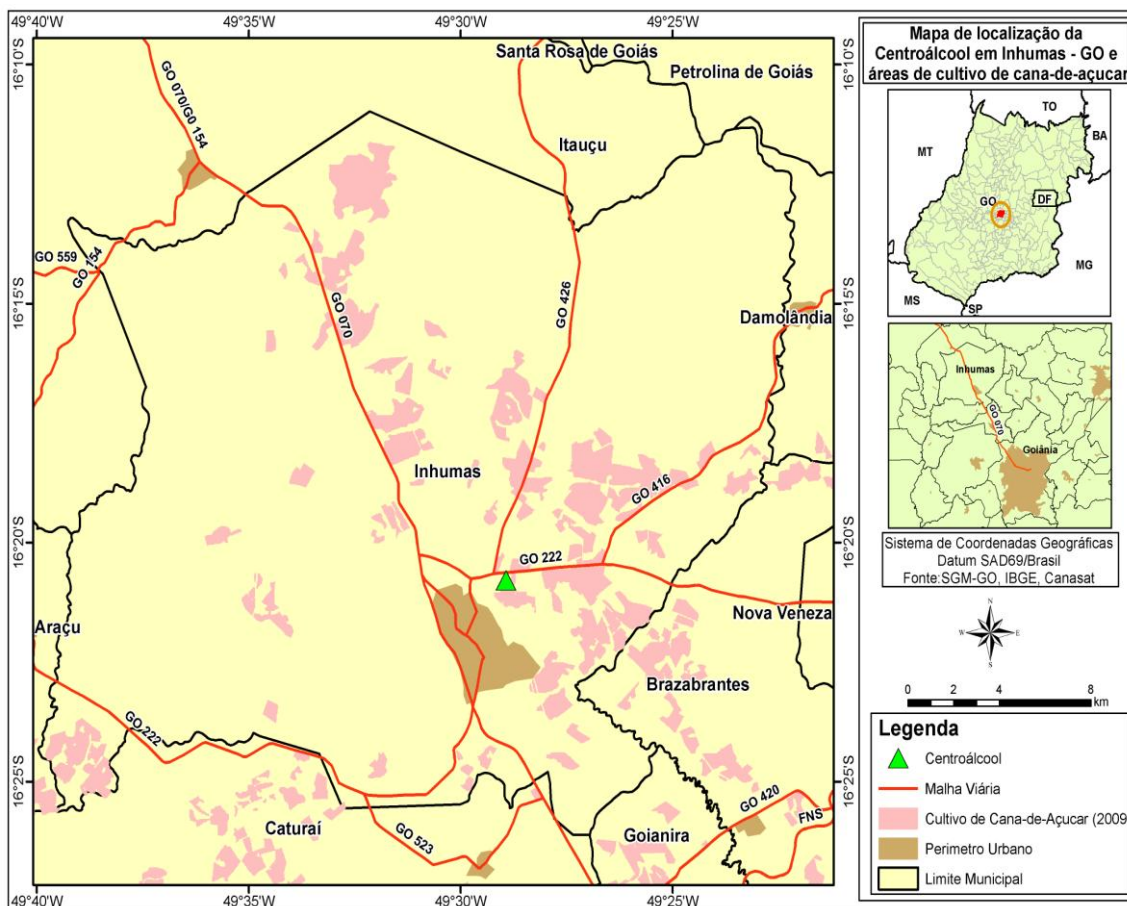
ÁREAS ARRENDADAS PELA CENTROALCOOL S/A		
MUNICÍPIO	ÁREA (há)	PRODUÇÃO (t)
Itaberaí	8.515	706.745
Inhumas	6.430	530.475
Caturai	1.965	143.562
Santo Antônio de Goiás	965	76.235
Goianira	953	75.468
Brazabrantes	910	75.613
Aracu	827	69.882
Itauçu	794	62.726
Nova Veneza	305	24.705
Santa Bárbara de Goiás	232	19.024
Taquaral	193	16.405
Nerópolis	151	-
Itaguari	28	2.226
Trindade	50	4.000
Damolândia	40	3.240
Total	22.358	1.810.306

Fonte: IBGE 2009

Demonstrou-se na tabela acima a quantidade de áreas arrendadas pela Centroalcool S/A, perfazendo um total de 22.350.00 hectares, gerando uma produção de 1.810.306 toneladas de cana-de-açúcar. Esta análise englobou os

municípios de Damolândia, Trindade, Itaguari, Nerópolis, Taquaral, Santa Bárbara de Goiás, Nova Veneza, Itauçu, Araçu, Brazabrantes, Goianira, Santo Antonio de Goiás, Caturai, Inhumas e com maior destaque aparece a cidade de Itaberai, como maior área com total de 8.515 hectares, e destacando-se também o mesmo no caráter produtivo, com produção estimada em 706.745. É possível verificar no mapa abaixo essas algumas áreas apresentadas na tabela de numero 03.

Mapa 06: Localização da Centroalcool em Inhumas – GO e áreas de cultivo de cana-de-açúcar



ORG.: GARCIA (2011).

Para retratar a produção da cana-de-açúcar no município de Inhumas – GO, com melhor fidelidade, foi feita uma breve entrevista com o Sr. Jose Francisco, gerente da Centroalcool, poderemos verificar essas informações nos parágrafos seguintes.

Falando sobre a produção da usina e perguntando sobre a origem da cana-de-açúcar beneficiada pela usina disse que a cana é processada na empresa vêm de vários municípios, sendo eles: Inhumas, Itaberaí, Itauçu, Santa Bárbara, Araçu, Caturaí, Goianira, Nerópolis e etc. A produção da cana-de-açúcar é própria, somente a terra é alugada, o dono da terra não interfere, todo trabalho é executado pela equipe de agrônomos, técnicos, máquinas e serviços gerais.

Ao ser perguntado sobre técnicas para o plantio e colheita da cana-de-açúcar, soube que acontece de várias formas, depende diretamente do terreno até a questão da fertilidade influencia. Só foi destacado que na colheita é necessário que a cana-de-açúcar seja cortada rente ao solo, pois assim, é de melhor produção.

Quando perguntado sobre os produtos e o destino dos mesmos, vimos que a usina produz álcool hidratado, anidro, bagaço e energia elétrica para consumo interno e o destino dessa produção são várias distribuidoras em Goiás, pois a usina não pode vender diretamente para os postos de combustíveis.

Sobre a indústria, diz que é uma indústria de médio porte, e que o município é fortalecido com a presença da mesma, trazendo desenvolvimento para o comércio e fortalecimento político para Inhumas e cidades vizinhas. Enfatiza que a produção da região de Inhumas, trouxe benefícios, pois é uma boa fonte de empregos e funciona como uma escola para várias profissões, tanto na lavoura, quanto na área industrial.

Sobre as expectativas da cana-de-açúcar em Inhumas é de produzir em torno de oitocentas mil toneladas de cana-de-açúcar para ser transformada em combustível etanol.

Após estabelecer um raciocínio sobre a produção de cana-de-açúcar no Brasil, os contextos dessa produção em Goiás e em Inhumas, apresentaremos no capítulo seguinte a trajetória de migração do trabalhador de cana-de-açúcar do Município de Inhumas, caracterizando os territórios de partida de locomoção e de destino desses trabalhadores enfatizando também quem são eles e porque se instalaram nesse município.

2 A TRAJETÓRIA DO TRABALHADOR MIGRANTE NA PRODUÇÃO DE CANA-DE-AÇÚCAR

Nessa segunda parte será tratado o motivo que faz com que as pessoas estejam migrando de um determinado lugar geográfico para outro, dando destaque para os nordestinos cortadores de cana-de-açúcar que migram para o Estado de Goiás na esperança de uma melhor condição de vida.

2.1 A MIGRAÇÃO EM GOIÁS

O sentido de migração está relacionado ao movimento de pessoas de um país a outro, ou de um lugar geográfico a outro dentro de um mesmo país, com mudança de residência. Desde o começo da história da humanidade já ocorria esse processo de deslocamento de um local para outro, chamado migração.

Os principais motivos que levam as pessoas a migrarem de lugar para outro é a busca de uma melhor condição de vida, empregos com remuneração melhor, qualidade de ensino, necessidade de infra-estrutura e serviços: hospitais, transportes, educação e etc.

Os principais fluxos migratórios no Brasil são feitos pelos nordestinos que se dirigem para o Sudeste, Centro-oeste e Norte do país. Isto se deve à forte desigualdade social do Nordeste brasileiro, que é ocorrência do clima seco e do solo pouco produtivo dos sertões, além de uma distribuição de terras e renda má resolvida (SCHNEEBERGER E FARAGO, 2003).

Para evidenciar o contexto analisado nessa pesquisa, se faz necessário compreender como se encontra as migrações no estado de Goiás. Segundo Chaveiro, Calaça e Rezende (2009) a migração é um fenômeno antigo em Goiás, seu movimento permite redesenhar a distribuição espacial da população. População essa que desde os primórdios produz deslocamentos espaciais por distintas movimentações, seja para fins de sobrevivência, melhores qualidades de vida, necessidades de trabalho ou estudo. O estado de Goiás perde somente para o estado de São Paulo, quando se refere ao número de migrantes do país.

Em um período de dez anos (1986-1996), o Centro-Oeste foi alvo dos migrantes. Neste mesmo período o Nordeste do país se destaca em perdas populacionais, fenômeno que se repete há de 10 anos. Os estados que mais perderam população no país foram, Bahia, Paraná, Pernambuco e Maranhão. Esses dados ainda se repetem no censo demográfico do IBGE (BRASIL, 2003), em que se tem um estado com 49,7% de população não-natural, com destaque para o município de Águas Lindas de Goiás com 85,6% da sua população não-natural. No período de 1995 a 2000, São Paulo e Goiás continuam sendo os estados que mais recebem migrantes, e a região Nordeste do país é que mais emite migrantes. (CHAVEIRO; CALAÇA E REZENDE 2009, p. 106).

Os dados comprovam que os estados que mais emitiram migrantes de 1986-1996 foram os estados da Bahia, Maranhão, Pernambuco, Alagoas, Paraíba, Pará, Piauí entre outros. É importante ressaltar também que as regiões que tem apresentado as maiores concentrações de migração interestadual são as regiões do Centro-Oeste e Norte do país, pois, atualmente as mesmas desempenham novas fronteiras de investimentos, onde circula o capital, idéias e informação afirmaram Chaveiro, Calaça e Rezende (2009).

Chaveiro, Calaça e Rezende ressaltam ainda que nos fluxos populacionais direcionados para Goiás no ano de 2000 destacam-se mineiros, baianos, brasilienses e maranhenses. Passado dois anos o quadro de migrante não diminuiu, pelo contrário, os estados de Minas Gerais, Bahia e Distrito Federal continuam enviando migrantes pra Goiás e o número de migrantes cresceu 3,6% entre 1999 e 2002.

Assim percebemos que na atualidade, Goiás ainda é um estado em mutação, pois, sua condição de estar no centro do país e seu desenvolvimento centralizar algumas potencialidades, fazem com que exista transformações e redistribuição da população. Entretanto, por mais que o município de Inhumas não demonstre uma porcentagem significativa do contingente de migrantes que o estado de Goiás recebe, os migrantes nordestinos tem sido significantes no trabalho do corte da cana-de-açúcar no município.

Os autores supracitados neste tópico ainda colocam as migrações internacionais da população de Goiás para países ricos, o que tem sido um fato considerável. Para os autores:

A razão de ser, hoje, o segundo Estado da federação nacional em migrantes internacionais indica a cisão territorial do Goiás moderno: de um lado, perde população para os países ricos demonstrando a dificuldade na oferta de trabalho; por outro lado, atraem migrantes da região norte e nordeste, especialmente para as constelações demográficas maiores. Além disso, apresenta pólos de desenvolvimentos nucleados pelo processo de reestruturação produtiva do capital (CHAVEIRO; CALAÇA E REZENDE 2009, p. 117).

Enfim, fica claro segundo os autores Chaveiro, Calaça e Rezende que a luta pela vida passa pelo modo como se organiza o trabalho e se utiliza sua renda.

2.2 CARACTERIZAÇÃO DOS TERRITÓRIOS DA MIGRAÇÃO PARA O TRABALHO NA CANA-DE-AÇÚCAR EM INHUMAS - GO

É evidente que o objeto de estudo dessa pesquisa é o próprio trabalhador migrante que atua no corte da cana-de-açúcar. Dessa forma, vivenciar o dia-a-dia dos trabalhadores e conversar diretamente com os mesmos para compreender melhor a história de vida desses se tornou necessário.

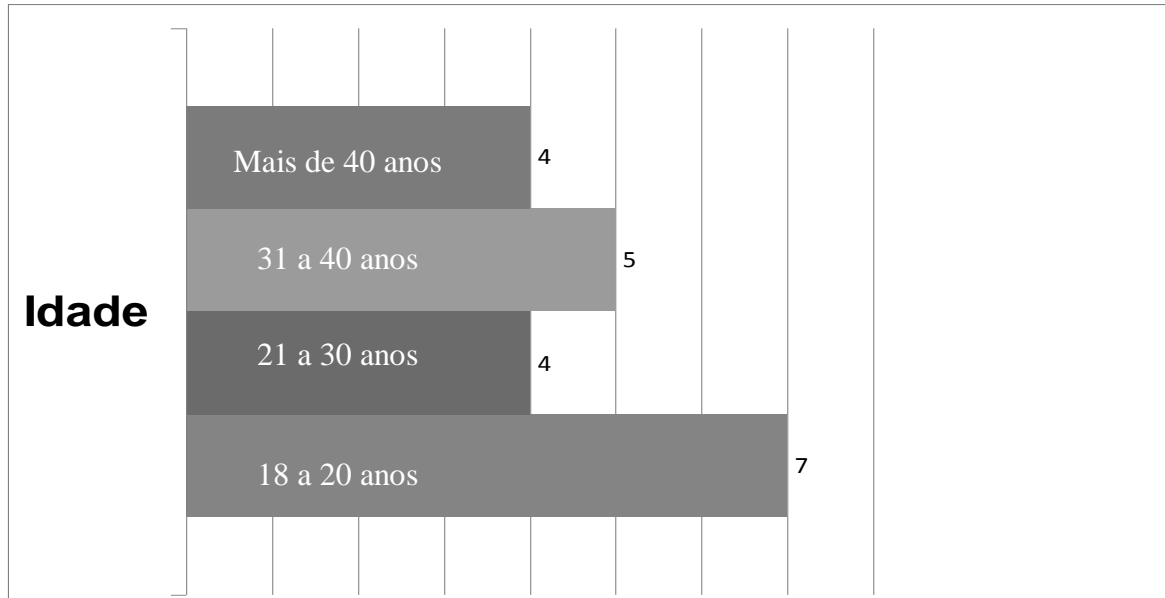
Assim, foi realizada uma entrevista com vinte trabalhadores, que moram todos juntos em uma casa com seis cômodos. Através de um trabalhador amigo da minha família, consegui entrar na casa e fazer a entrevista com eles. Porém, mesmo acompanhado desse amigo, a recepção que tive não foi boa, pois os mesmos se sentiram envergonhados, e alguns com medo de responder as perguntas.

Alguns dos trabalhadores, principalmente três deles mais velhos, quando expliquei o que iria fazer, disseram que era “besteira” e saíram do local onde estávamos. Mesmo assim, prossegui e tentei transformar a entrevista numa conversa informal, para que eles ficassem o mais a vontade possível, mesmo deixando claro para eles que as fichas não tinham identificação. (as fichas podem ser verificadas em anexo).

Os vinte entrevistados são do sexo masculino, com idades que variam de 18 a 50 anos. No critério grau de escolaridade, 08 deles tinham ensino fundamental completo, 07 ensino fundamental incompleto e 05 possuíam ensino médio incompleto, sendo que esses que conseguiram ingressar no ensino médio são os

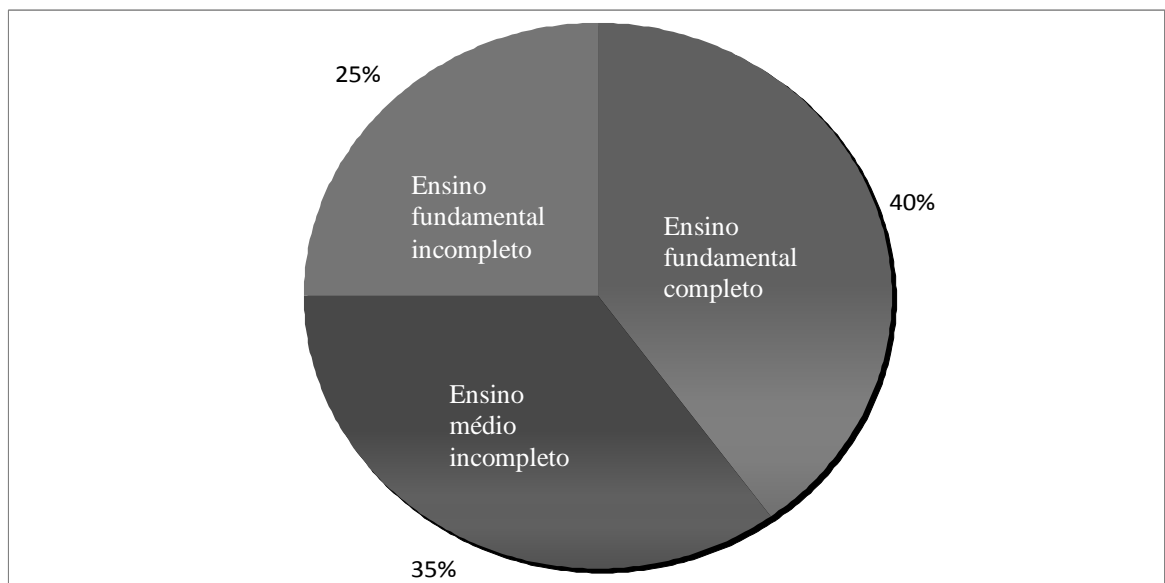
mais novos. Essas informações foram tabuladas e podem ser verificadas nos gráficos a seguir.

Gráfico 02: Idade do trabalhador da cana-de-açúcar em Inhumas (GO) 2011.



ORG.: DIAS, R. A. (2011).

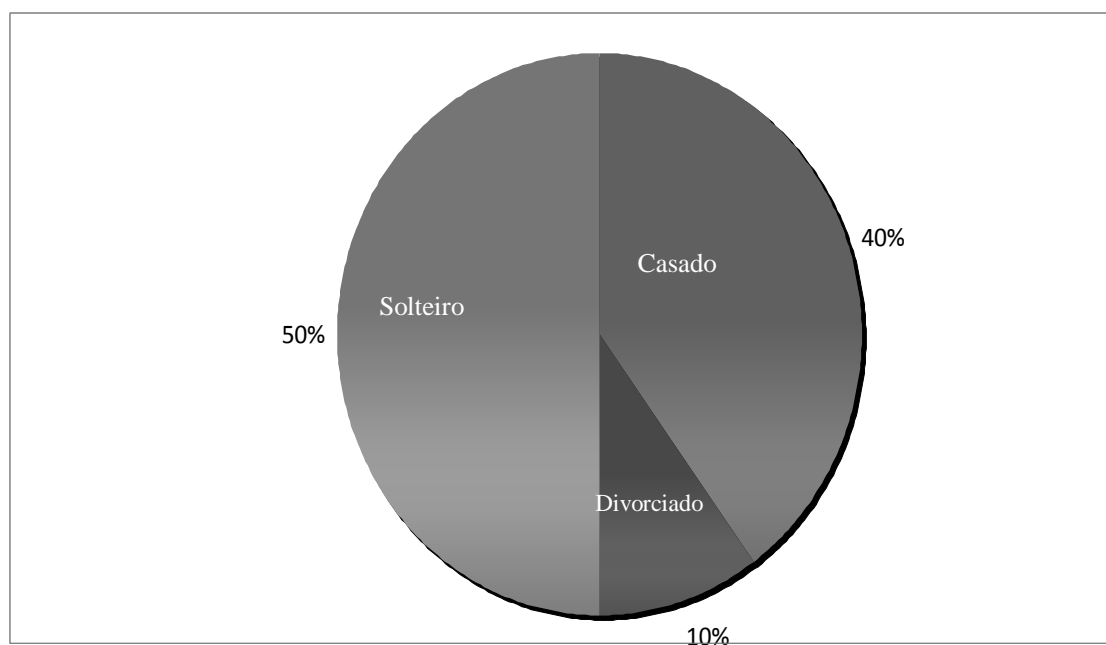
Gráfico 03: Grau de escolaridade do trabalhador da cana-de-açúcar em Inhumas (GO) 2011.



ORG: DIAS, R. A. (2011).

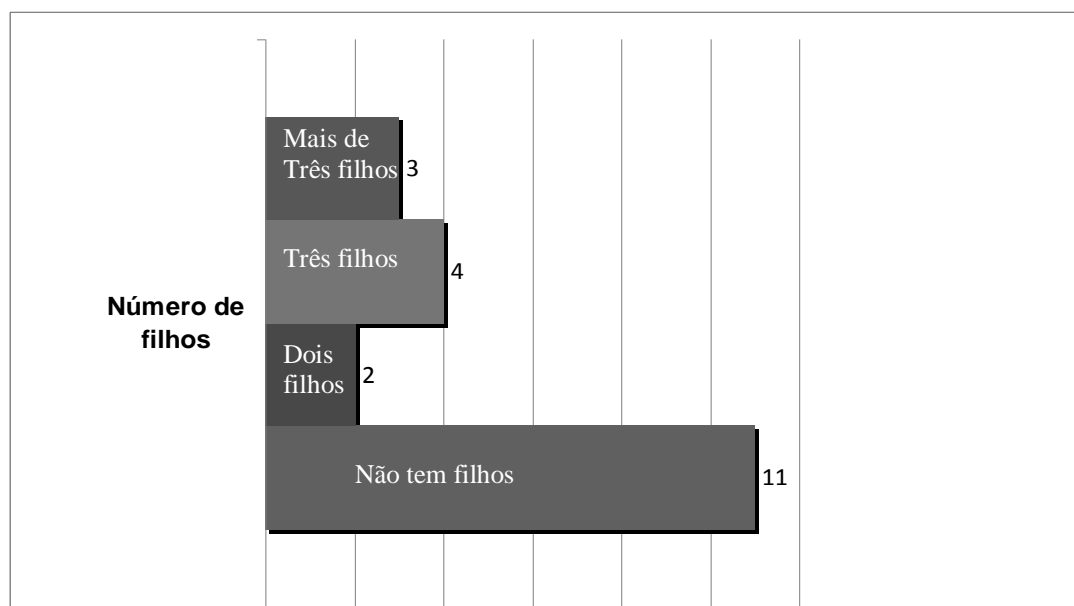
Quanto ao estado civil, 08 deles são casados, 01 divorciado e 11 solteiros. Quando perguntados sobre o número de filhos, os que responderam ser pais disseram ter dois, três ou mais filhos. Além disso, afirmaram que na Bahia, todos moravam na área rural e que vieram para Inhumas somente para trabalhar e que não consideram Inhumas sua cidade. Todos eles só residem em Inhumas durante a safra, que se estende de Março a Setembro. Quando a safra se encerra, os mesmos voltam para a Bahia ou para algum outro lugar que ainda precise de mão- de- obra.

Gráfico 04: Estado civil do trabalhador da cana-de-açúcar em Inhumas (GO) 2011.



ORG.: DIAS, R. A. (2011).

Gráfico 05: Número de filhos do trabalhador da cana-de-açúcar em Inhumas (GO) 2011.



ORG.: DIAS, R. A. (2011).

Na sequência nos primeiros momentos serão caracterizados os territórios de partida, de locomoção e destino. Ou seja, de onde esses trabalhadores vieram, como vieram, e ainda como é o lugar que estão.

Dos vinte entrevistados todos vieram da Bahia, para entender o motivo, os trabalhadores me explicaram que: “homens contratados pela usina vão até a Bahia, para recrutar homens que geralmente estão desempregados para o corte da cana-de-açúcar”, dentre um dos motivos para tal prática está a dificuldade de mão-de-obra disponível para esse trabalho em Goiás.

Dos trabalhadores entrevistados, quando não são recrutados para Inhumas, geralmente vão para Itaberaí, Anicuns ou para o estado do Mato Grosso. Todos os trabalhadores vieram de ônibus e com despesas pagas pelo próprio bolso.

Para caracterizar o lugar que estão, falamos da própria cidade, pois os mesmos me disseram que além do trabalho, as opções de lazer, são os jogos de dominó entre eles dentro da própria casa e alguns bares que os mesmos freqüentam para se distraírem.

Caracterizando as condições de vida, os trabalhadores vivem numa residência alugada, onde o aluguel é dividido entre eles e a Centroálcool, usina para

qual prestam serviço. O aluguel é dividido por 30 trabalhadores. Nesse mesmo esquema de divisão também se encontram o pagamento da conta de água, energia e alimentação básica. Sendo que nenhum trabalhador possui veículo próprio.

Um dos aspectos que me chamou atenção nessas entrevistas, foi a resposta dos trabalhadores quando perguntados sobre as mudanças ocorridas em suas vidas após mudar para Inhumas, todos disseram que trabalham muito, sentem muita saudade da família, porém, aqui estão trabalhando e ganhando mais que na Bahia. Sendo assim, acreditam que o trabalho mesmo duro e penoso se torna compensativo.

Assim, no próximo capítulo trataremos e caracterizaremos o trabalho e sua relação com o agronegócio e o trabalhador.

3 TRABALHO NA PRODUÇÃO DA CANA-DE-AÇÚCAR EM INHUMAS (GO)

Nessa última etapa serão apresentados alguns conceitos a respeito da forma em que se encontra o trabalhador do campo, após os novos modos de produção inseridos, partindo então da visão capitalista de produzir. Também será apresentado um pouco da história do camponês que sofre mudanças a partir da inserção do agronegócio no modo de produção.

3.1 O TRABALHO NO CAMPO.

Há duas relações sociais básicas que são constituídas do capitalismo: a dominação exercida pelo capital sobre o trabalho, que define uma relação de exploração, e a disputa entre frações do capital pelo controle dos mercados, que estabelece uma relação de concorrência. À medida que emerge um padrão de acumulação de capital mais vigoroso, centrado na expansão industrial, observa-se a formação de um novo mundo do trabalho, marcado pela presença de novos atores (em especial, o operariado) e pela adoção de novas regras (em particular, a liberação do mercado de trabalho):

As relações de trabalho via de regra expressam condições degradantes de trabalho, moldadas ao processo de reprodução do capital, o que repercute diretamente no acirramento do conflito capital x trabalho, com reflexo nas ações contra-hegemônicas da sociedade, ao mesmo tempo em que se verifica um perfil sindical predominantemente corporativo e imobiliza, frente ao poderio do capital (AZEVEDO, 2008, p. 13).

Para Mendonça (2004), as transformações espaciais, decorrentes das mudanças aceleradas pela reestruturação produtiva do capital, promoveram uma efervescência política no campo brasileiro, propiciando uma agudização das contradições e redefinindo a gestão societária do capital e do trabalho. A retomada dos movimentos sociais na luta pela terra significa a possibilidade de milhares de famílias desterritorializadas de se reterritorializar na efetiva realização da reforma agrária.

A partir dessas transformações espaciais na produção rural através da reestruturação produtiva do capital, os camponeses perdem as condições de

existência no campo. As mudanças no modo de trabalho devido a reestruturação do capital acabam promovendo o desemprego e diminuição da qualidade de vida:

As inovações técnicas e tecnológicas excluíram e excluem aqueles que não têm formação técnica necessária para o exercício das novas funções, forçando-os a migrar para outros lugares, em geral áreas urbanas. Contudo, sabe-se que não há emprego para todos, em função do “enxugamento” proposto pela reengenharia e pelas alterações no processo produtivo que, na origem, eliminam postos de trabalhos (MENDONÇA, 2004, p. 29).

Esse processo acelerado imposto pelos agentes do capital (empresas rurais, agroindustriais e etc.), fez com que ocorressem mudanças radicais na estrutura do trabalho. Segundo Mendonça (2004) a nova organização da produção (flexibilização, desregulamentação etc.) e as conseqüentes mudanças nas relações sociais do trabalho (superexploração sociais, precarização etc.) ainda não foram totalmente assimiladas pelas organizações sociais e sindicais (sindicatos de trabalhadores, movimentos sociais, cooperativas, associações etc.).

Assim conforme Antunes (2005, p. 14) apud Azevedo (2008) se por um lado, necessitamos do trabalho humano e reconhecemos seu potencial emancipador, devemos também recusar que explore, aliena e infelicitiza o ser social.

3.2 O CAMPONÊS E O CAMPESINATO.

Para entender a cultura camponesa é necessário compreender o camponês e sua forma de vida. Para isso nos apoiaremos em alguns autores renomados da Geografia agrária.

Iniciando por Martin (1981) apud Duarte (2001) as palavras camponês e campesinato foram introduzidas no Brasil por “importação política”, pelas esquerdas. Antigamente, os homens que viviam no campo ou fora das cidades eram chamados de caipira, caiçara, tabaréu e etc.

Esses nomes possuíam duplo sentido, entretanto nenhum deles de forma positiva, os mesmos eram chamados de rústicos, atrasados, ingênuos, inacessíveis, tolos e preguiçosos. Contudo, em razão do crescimento das lutas camponesas

esses adjetivos depreciativos foram desaparecendo. Assim, a palavra camponês começa significar a unidade de uma classe.

Mançano (2004), coloca que o camponês é um sujeito historicamente subalterno, e sua perspectiva é subordinada pelo capital, significando nem sempre aceitar essa condição, mas podendo também significar a luta contra esse estado de exploração.

O mesmo autor continua dizendo que para compreender o camponês é necessário analisar sua base familiar pelo trabalho da sua própria família, saber se o trabalho acontecia na terra da família ou na terra alheia, se o trabalho era associado, em forma de cooperativa e mutirões comunitário ou individual.

Voltando a Duarte (2001), percebemos que autor chama a atenção para o fato de que não podemos definir o camponês como um pequeno produtor levando em conta apenas os aspectos econômicos, trabalho, consumo e força de trabalho, é necessário analisar elementos internos a família, o ambiente onde vivem seu modo de vida e suas representações.

Desta forma, podemos conceituar o campesinato como uma classe subordinada constituída por trabalhadores que, de posse de seus meios de produção, cultivam a terra com base no trabalho familiar, mantendo um vínculo parcial com o mercado e que possuem uma cultura e formas de organização específicas ligadas ao meio de vida rural (DUARTE, 2001, p. 122).

Sendo essa a forma de vida real do camponês, trabalhar a terra para se auto sustentar com base no trabalho familiar, sem a presença da monocultura.

Isso significa que é fundamental o vínculo com a terra e a utilização do trabalho familiar. O fato de ser uma classe subordinada e de manter vínculo com o mercado significa que seu sobretrabalho é apropriado por outras classes. Segundo Margarida Moura, "o campesinato é sempre um pólo oprimido de qualquer sociedade". (MOURA, 1986, p.10) como o campesinato está integrado a uma sociedade mais ampla, isto quer dizer que sua forma de organização e sua cultura são influenciadas também por esta sociedade (MOURA, 1986, p. 10 apud DUARTE, 2001 p. 122).

É necessário ressaltar que o mesmo autor citado acima diz que quando se trata da cultura camponesa, o assunto é lavado sob um ponto de vista folclórico, que na maioria das vezes apresenta uma forma caricaturada do homem do campo.

É necessária uma concepção de cultura bem mais extensa para assim poder compreender as relações e as contradições que envolvem o camponês. Contudo, para estudar a cultura camponesa é preciso considerar os seguintes aspectos:

Estudar a cultura camponesa trata-se, portanto, de examinar a experiência social dos trabalhadores do campo em seus aspectos essenciais de existência e de vida, principalmente na organização dos movimentos de resistência frente à dominação capitalista (DUARTE, 2001, p. 125).

As experiências de vida as práticas, as formas de resistência são diferenciadas, por isso se trata de uma cultura específica camponesa. Assim explica: (FENELON, 1992, p. 20 apud DUARTE, 2001 p. 125).

Não se trata de querer resgatar a “autenticidade” da cultura camponesa frente à hegemonia de uma cultura dominante, mas sim de ressaltar a “vitalidade da cultura como expressão da experiência vivida no sentido de um duplo movimento de contenção e resistência que ela carrega.”

Entendemos então que o modo de vida do camponês precisa ser respeitado, pois como foi verificada na citação acima a sua cultura é expressão da experiência vivida.

3.3 O AGRONEGÓCIO E O CAMPONÊS.

Paulino; Fabrine (2008) apud Mançano (2008) conceituam o agronegócio como um conjunto de sistemas, e do campesinato, compreendido como um sistema próprio, que existe em tensão constante com as forças que têm promovido a predominância do agronegócio.

Podemos perceber que o agronegócio é a representação de um sistema complexo, no qual quem controla esses sistemas é o capital, que também domina tecnologias e políticas agrícolas. (Paulino; Fabrine, 2008, apud Mançano, 2008, p.

166) ainda afirmam na citação a seguir, a distinção entre o agronegócio e o sistema agrícola camponês:

O sistema agrícola do agronegócio é distinto do sistema agrícola do campesinato. No sistema agrícola do agronegócio, a acumulação, a monocultura, o trabalho assalariado e a produção em grande escala são algumas das principais referências. No sistema agrícola camponês, a produção, a biodiversidade, a predominância do trabalho familiar e a produção em pequena escala são algumas das principais referências. Com esta leitura estamos afirmando que o sistema agrícola camponês não é parte do agronegócio. No entanto, como o capital controla a tecnologia, o conhecimento, o mercado, as políticas agrícolas, os camponeses estão subalternos à sua hegemonia.

Entende-se também que o agronegócio se caracteriza, principalmente, por destinar a produção para a exportação de matéria prima, disse Rohnelt (sem data), além do desenvolvimento de monoculturas a partir do uso intenso de insumos químicos e maquinários.

Entretanto, a palavra agronegócio esta mal utilizada, segundo Stedile (2006, p. 17) apud Camacho (2009) essa palavra é apenas sinônimo de qualquer operação comercial com produtos agrícolas. Mas aqui no Brasil teve conotação de modelo de aliança, de classe, colocada pelos próprios fazendeiros subordinados, Balduino (2004, p.23) apud Camacho (2009) afirma que o agronegócio é portador de divisas, modernizador, aglutinador de uma elite rica, porém, ao mesmo tempo, concentrador de renda e de terra e gerador de pobreza na população do campo.

Contudo, percebemos que o camponês está em condição de dominação por parte do capital, visto que o camponês em questão é o produtor familiar, e para compreender a atual situação do camponês no contexto do agronegócio atual é necessário relembrar alguns importantes acontecimentos da agricultura.

A chamada “Revolução Verde” foi segundo Brum (1988), um programa que tinha como objetivo explicito contribuir para o aumento da produção e da produtividade agrícola do mundo através de experiências no campo da genética vegetal para a criação e multiplicação de sementes adequadas as diferentes condições de solo e clima.

Prosseguindo nossa análise com Brum (1988) percebemos que a substituição da agricultura tradicional por uma agricultura modernizada representa a abertura de importantes canais para o crescimento dos negócios, e outros como veremos na citação a seguir

Das grandes corporações econômicas, tanto no fornecimento das máquinas e insumos modernos como na comercialização mundial e nas indústrias de transformação dos produtos agropecuários, sem esquecer o financiamento aos países que aderissem ao processo de modernização (BRUM, 1988, p.45).

Fundamentada numa sociedade capitalista a “Revolução Verde” também mostrou outros interesses

Através dos aparentes objetivos generosos e humanitários da “Revolução Verde” ocultavam-se poderosos interesses econômicos. A “Revolução Verde” serviu como carro-chefe para ampliar no mundo a venda de insumos agrícolas modernos: máquinas, equipamentos, implementos, fertilizantes, defensivos, pesticidas, etc. Sem dúvida, a forma inteligente de os grupos econômicos internacionais realizarem a expansão de suas empresas e de seus interesses com extraordinária rapidez e eficiência (BRUM, 1988, p.49).

O que se observou no tópico anterior foram as mudanças ocorridas no modo agrícola familiar a partir da inserção do agronegócio, juntamente como o capitalismo no modo de produção e no mercado.

3.4 CONDIÇÕES DE TRABALHO NA PRODUÇÃO DA CANA DE AÇÚCAR EM INHUMAS- GO.

As palavras escritas a seguir são informações sobre o trabalhador do corte da cana adquiridas em entrevista com o senhor José Francisco. Foi necessário ouvir não só aquele que trabalha no corte da cana, mas também quem gerencia o trabalho para dessa forma conseguirmos obter algumas respostas mais diretas sobre algumas indagações, pois se tratava de alguém que tem relação direta com a usina ou seja, com os trabalhadores e a produção. A entrevista foi dividida em três etapas, sendo sobre o trabalhador, a produção, e sobre a posição de Inhumas na produção da cana-de-açúcar.

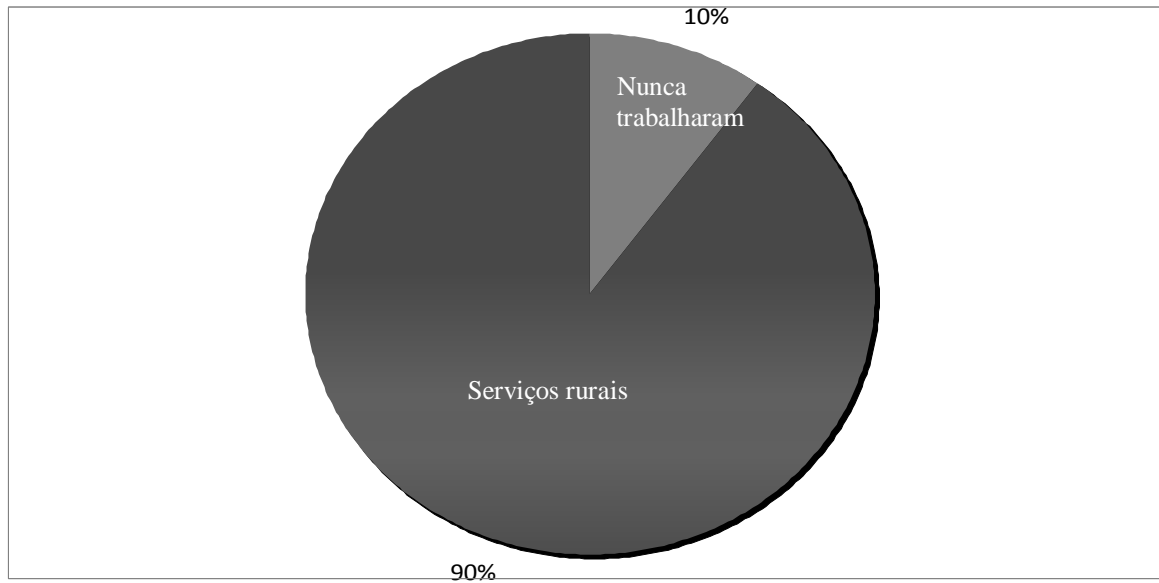
Em relação aos trabalhadores, quando perguntado sobre o número de trabalhadores ele disse que no período de safra a usina precisa de mil e duzentos cortadores de cana-de-açúcar e duzentos homens para executar outras funções (funções essas como recolher a cana que a moto-cana não conseguiu pegar e carpir algumas áreas). A respeito do lugar de origem desses trabalhadores e bastante diversa, os trabalhadores são do nosso estado dos municípios de Araçú, Itaberaí, Itauçú, Inhumas, Caturai, Nerópolis e de outros estados principalmente da Bahia, Pernambuco, Maranhão, Minas Gerais e etc.

Soube também que o período de contratação desses trabalhadores acontece no mês Março de cada ano e a média de duração desses contratos e em torno de seis sete meses. Sendo que o vínculo empregatício o contrato de safra, acaba o término da safra a safra. Estes contratos e pagamentos são feitos por produção e por diária, isto ocorre porque em alguns dias do mês que não acontece corte da cana-de-açúcar para todos por isso executam outros serviços. A média de salários destes funcionários é de dois salários mínimos e as idades variam de dezoito a cinquenta anos. Quando perguntado sobre o destino do trabalhador quando acaba a safra soube que a empresa demite esses funcionários, pois não há serviço para todos além disso, vence o contrato de trabalho.

Para entender melhor a dinâmica e a vida desses trabalhadores, entendi que seria necessário expor as informações adquiridas em entrevista sobre as condições de trabalho dos cortadores de cana-de-açúcar. Preciso ressaltar que existe certa dificuldade para conhecer detalhes sobre essas questões, pois os trabalhadores sempre desconfiados evitam entrar em detalhes. Assim tabulamos os dados verificados em entrevista e os transformamos em gráficos que poderão ser analisados em seqüência.

Quando perguntados, em quais trabalhos atuaram antes do corte da cana, 18 trabalhavam em serviços rurais, ou já prestaram serviços para outras usinas; apenas dois rapazes de 18 anos ainda não tinham trabalhado. Além disso, todos afirmaram não exercer mais nenhuma função, visto que os cortes da cana sugam todas as suas energias.

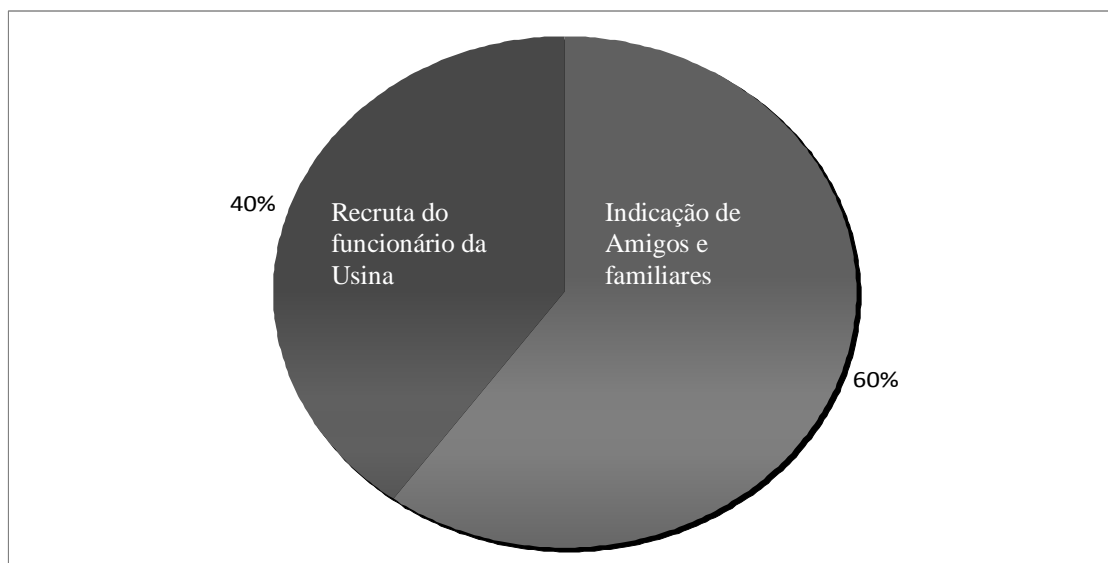
Gráfico 06: Trabalho anterior do trabalhador da cana-de-açúcar em Inhumas (GO) 2011.



ORG.: DIAS, R. A. (2011).

Ao questionar como chegaram até aqui, foram destacados por eles dois meios; o primeiro por indicação de amigos e parentes que já tinham trabalhado no corte da cana-de-açúcar ou foram recrutados por funcionários da usina. Dos 20 trabalhadores entrevistados, 09 já trabalharam anteriormente no corte da cana-de-açúcar em outros locais.

Gráfico 07: Modo de acesso ao trabalho pelo trabalhador da cana-de-açúcar em Inhumas (GO) 2011.



ORG.: DIAS, R. A. (2011).

Quanto a função no trabalho com a cana, todos são cortadores, trabalham sete meses por ano, atuam no corte da cana-de-açúcar 06 vezes por semana, e 08 horas por dia, ou seja, 48 horas semanais. Contudo, podem descansar uma hora durante o dia. Vão para o trabalho com um ônibus que é cedido pela empresa e o tempo de deslocamento para o trabalho, depende do lugar onde será o corte.

Os cortadores de cana-de-açúcar trabalham por contrato de safra, ou seja, acabando o período de safra encerra-se o contrato. Tratando das relações de trabalho entre cortado e a usina, segundo o gerente da usina o vínculo empregatício é o contrato de trabalho e não a carteira recebem FGTS, férias, 13º salário, porém não recebem seguro desemprego. Não possuem salário fixo, ganham por produção e conseguem ter uma renda média mensal de dois salários mínimos. Sobretudo, destacam e enfatizam que a grande desvantagem é a distância da família e o sofrimento em decorrência do cansaço, sentem dores fortes nas costas e se enfraquecem devido ao trabalho contínuo no sol forte.

Essa pesquisa enfatiza o trabalhador cortador de cana-de-açúcar migrante no município de Inhumas- GO, assim como acontece nas usinas paulistas, que segundo Silva 2005 “é o suporte do modelo lucrativo do agronegócio.”

Analisando então as palavras de Silva 2005 sobre o trabalho do corte da cana em São Paulo, percebemos que a ideologia do agronegócio no Brasil com empresas sofisticadas e demonstração de dados quantitativos ganha força; Assim como negócios que são fechados com valores de mais de um bilhão de reais, bem como o desenvolvimento de pesquisas científicas no agronegócio.

Todos esses fatores têm contribuído para que a imagem do agronegócio se dissipe como um bem maior para a economia do país ou dos países, porém infelizmente, o que se esquece de analisar são as condições e relações de trabalho utilizadas nesse modelo. Silva 2005 enfatiza que sua pesquisa possa contribuir para o desenvolvimento dos elementos ideológicos, marcadores que estão embutidos nas relações de trabalho nessa agricultura.

Inúmeros são os casos de trabalhadores sem salário e vivendo em alojamentos com condições subumanas, constatando até caso de mortes em consequência do trabalho pesado e cruel; verificamos esse fato na citação abaixo, segundo SILVA 2005, p. 11.

Três trabalhadores rurais morreram em regiões diferentes do interior de São Paulo, por causa do trabalho estafante. Um em Araçatuba, outro na região de Bauru e o terceiro em Palmares Paulista. O mais velho tinha menos de 34 anos de idade e 4 filhos. O trabalhador de Palmares Paulista (SP), em torno de 4 horas da tarde, depois de cortar 120 metros de cana crua começou a sentir câibras, dores no peito, tremedeiras, suores e em seguida morreu no meio do canavial, deixando mulher e quatro filhos órfãos na Bahia, na cidade de Caturama.

Outro fator relevante abordado em Silva 2005 é que “o que se vende é a força do trabalhador e não o trabalho” porém o trabalhador é “constituído por elementos étnicos de gênero, idade, além dos culturais, que não podem ser vistos de forma separada de sua força de trabalho.”

Destaca-se ainda que se considera o trabalho de caráter temporário, porém Silva 2005 diz que “na verdade se define pela permanência do temporário, ou seja, trata-se do temporário que se repete indefinidamente.”

Além disso, é necessário destacar que o público que os recrutam das usinas quer é jovem, de classe baixa e com escolaridade atrasada, nas palavras de SILVA 2005, p.21.

Além das condições alimentares insuficientes - causadas pelos baixos salários, do calor excessivo, do elevado consumo de energias, em virtude de ser um trabalho extremamente extenuante -, a imposição da média, ou seja, da quantidade diária de cana cortada, cada vez mais crescente, tem sido o definidor do aumento da produtividade do trabalho, principalmente, a partir da década de 1990, quando as máquinas colhedoras de cana passaram a ser empregadas em números crescentes. Esta imposição atinge não somente os migrantes como também os trabalhadores locais. Por esta razão, estes capitais necessitam de mão-de-obra jovem, dotada de muitas energias, para o desempenho desta atividade. Assim, a rotatividade torna-se muita alta, em virtude da reposição constante da força de trabalho, consumida durante o processo produtivo.

Dessa forma, várias são as indagações feitas a partir da observação da vida desses trabalhadores, ou seja, migram em busca de trabalho, ou seja, um salário garantido. Silva 2005 ainda afirma que “o assalariamento permite a compra de alimentos e o mínimo de sobrevivência; por outro a saída da terra corresponde a volta”, assim a migração temporária se complementa.

Assim o que se vê é um complemento ou encontro de realidades extremas com contextos opostos que se servem. A citação abaixo demonstra essa relação:

Em outros termos, a economia capitalista avançada necessita desta mão-de-obra barata em seu espaço por algum tempo, e a economia miserável necessita do pouco dinheiro, auferido por alguns de seus membros para continuar existindo. (SILVA, 2005, p. 22.).

Um costume notado nos trabalhadores do corte da cana-de-açúcar é o uso freqüente e excessivo de bebidas alcoólicas, que mesmo sendo considerado como um costume, principalmente de migrantes nordestinos; pode ter razões mais sérias, pois a distância da família é grande, podendo acontecer um “desgarramento familiar e a em desenraizamento social e cultural”, disse Silva 2005.

Enfim, uma frase da mesma autora define essa relação. “Pobreza e riqueza constituem-se assim, duas faces da mesma moeda”. Só são ricos e estão em regiões ricas graças à pobreza de outros.

Enfim, percebo que o agronegócio sendo uma representação de controle de capital, me atrevo a pensar que controlando sistemas e tecnologia no campo, essa força de capital é capaz de trazer para o município de Inhumas um cidadão baiano, que na busca de uma qualidade de vida básica migra anualmente para prestar mão-de-obra. Ficando por um período de sete meses longe de sua terra e tentando se adaptar a realidades e ritmos diferentes da sua terra natal.

Considerações Finais

Nesse trabalho fizemos um busca em conceitos teóricos de alguns autores renomados no que diz respeito ao surgimento da produção de cana-de-açúcar no Brasil e a maneira na qual se alastrou em uma grande parte do País. Nesse sentido, foram apresentadas as condições na qual a produção da cana-de-açúcar foi inserida no Estado de Goiás, enfocando o município de Inhumas.

Enfim entramos na questão da trajetória do trabalhador migrante na produção de cana-de-açúcar no município de Inhumas, onde foram estabelecidas analogias da condição de migração geral do País, juntamente com a condição regional dos trabalhadores, que buscam condição ocupacional no corte da cana-de-açúcar.

Para concluir, na expectativa de responder ao objetivo dessa monografia de caracterizar o trabalhador do corte de cana-de-açúcar em Inhumas (GO), identificou-se que a maioria dos trabalhadores da cana-de-açúcar do município de Inhumas tem idade entre 18 e 50 anos, sendo a maior parte com a idade entre 18 a 35 anos, que é idade na qual o homem está com um vigor físico mais apropriado para o trabalho.

Quanto a escolaridade foi verificado que grande parte desses trabalhadores possuem apenas ensino fundamental, característica de uma vida de trabalho prematura, impossibilitados de uma dedicação maior aos estudos. Na verdade o que explica o fato de a maior parte de os trabalhadores no corte da cana-de-açúcar ser divorciado e solteiro pode ser por causa das constantes migrações para o trabalho o que dificulta esses sujeitos manter e preservar os seus laços afetivos.

Grande maioria desses trabalhadores antes de atuarem no corte da cana-de-açúcar, exerciam atividades rurais, hoje atuam no agronegócio, visto que essa mudança de trabalho é característica do avanço do agronegócio ou seja o pequeno produtor não consegue produzir e atender a demanda necessária no modo de produção capitalista, dessa forma esse pequeno produtor passa a ser um funcionário da elite nacional, goiana e inhumense que lidera o agronegócio.

REFERÊNCIAS

ARRAIS, Tadeu de Alencar. **Geografia contemporânea de Goiás**. Goiânia: Vieira, 2004.

AZEVEDO, José Roberto Nunes de. **Expansão da Agroindústria Canavieira no Mato Grosso do Sul: Relação Capital x Trabalho e Reconfiguração Espacial**.
Dourados: UFGD, 2008. Disponível em:
<<http://www4.fct.unesp.br/ceget/dissertacao.htm>>. Acesso em:
15/10/2010.

BRUM, Argemiro Jacob. **Modernização da agricultura: trigo e soja**. Petrópolis: Editora Vozes, 1988.

CAMACHO, Rodrigo Simão. **O agronegócio latifundiário versus a agricultura camponesa: a luta política e pedagógica do campesinato**. São Paulo: XIX Encontro Nacional de Geografia Agrária, 2009. Disponível em: <simaocamacho_ufms@yahoo.com.br>. Acesso em: 08/10/2010.

CASTRO, S. S. de. **A expansão da cana-de-açúcar na alta Bacia do Rio Araguaia-GO: Potencial de Impactos Ambientais**. Artigo. Goiânia: UFG, 2008.

CASTRO, S. S. de; BORGES, R. de O.; AMARAL, R. **Estudo da expansão da cana-de-açúcar no Estado de Goiás: subsídios para uma avaliação do potencial de impactos ambientais**. Goiânia: UFG, 2007.

CHAVEIRO, Eguimar Felício; CALAÇA, Manoel; REZENDE, Mônica Cristina da Silva: **A dinâmica demográfica de Goiás**: Editora Ellos, 2009.

COUTO, G. da S. **Cana- de- açúcar em Goiás: problemas ou potencialidade**. IX Simpósio Nacional Cerrado. Goiânia: 2008.

CRUZ, D. C. **Caminhos da agropecuário em terras do Mato Grosso Goiano: o município de Inhumas em Questão**. Monografia. Universidade Estadual de Goiás. Goiás: UEG, 2010.

DUARTE, Élio Garcia. **Manifestações camponesas em Goiás: Perspectivas para uma pesquisa histórico-cultural**. V. 6. Goiânia: História Revista, Jan/Jun. 2001.

FAEG (FEDERAÇÃO DA AGRICULTURA E PECUÁRIA DE GOIÁS). **Cana-de-açúcar: Bases para discussão - Posicionamentos e Recomendações do Sistema Sindical Rural referentes à Expansão da Cultura de Cana-de-Açúcar em Goiás**. Goiânia: FAEG, 2009. Disponível em: <<http://sindicatroruralrubia.com.br/documents/Familia%20Produtor/Cana.pdf>>. Acesso em: 20/08/2011.

GARCIA, Fanuel. **Mapas de Inhumas**. Goiânia: UFG, 2011.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Culturas que Inhumas possui, sendo elas permanentes e temporárias**. Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: 03/07/2011.

MANÇANO, Bernardo . **Delimitação conceitual de campesinato**. Presidente Prudente: 2004.

_____. Agricultura e mercado: campesinato e agronegócio da laranja nos EUA e Brasil. In: PAULINO, Eliane Tomiasi; FABRINI, João Edmilson (Org.). **Campesinato e território em disputa**. Ed. 1. São Paulo: Expressão Popular: UNESP. Programa de Pós Graduação em Geografia, 2008.

MENDONÇA, Marcelo Rodrigues. **A Urdidura Espacial do Capital e do Trabalho no Cerrado do Sudeste Goiano**. Presidente Prudente: UNESP, 2004. Disponível em: <<http://www4.fct.unesp.br/ceget/dissertacao.htm>>. Acesso em: 15/10/2010.

OLIVEIRA, E. L. de. **Avaliação do crescimento das indústrias sucroalcooleiras do Estado de Goiás**. Artigo. Goiânia: Universidade Católica de Goiás, 2007.

OLIVEIRA, Eduardo Lima de; FERREIRA, Osmar Mendes. **Avaliação do Crescimento das Indústrias Sucroalcooleiras do Estado de Goiás**. Goiânia: UCG, 2007. Disponível em: <<http://www.ucg.br/.../avaliacao%20do%20crescimento%20das%20indust...>>. Acesso em: 11/10/2010.

OLIVEIRA, E. L. de. **Avaliação do crescimento das indústrias sucroalcooleiras do Estado de Goiás**. Artigo. Goiânia: Universidade Católica de Goiás, 2007.

PIETRAFESA, J. P. **A expansão canavieira no Estado de Goiás: sustentabilidade ou mito?** Goiânia: UCG, 2006.

SCHNEEBERGER, Carlos Alberto; FARAGO, Luiz Antonio. **Mini-manual compacto de geografia do Brasil : teoria e prática**. 1. ed. São Paulo : Rideel, 2003. Disponível em: < <http://sady.zzl.org/compactos/geografiadobrasil.pdf>>. Acesso em:28/08/2011.

SEPLAN (SECRETÁRIA ESTADUAL DE PLANEJAMENTO). **Revista econômica e desenvolvimento**. Goiânia: SEPLAN, 2011 Disponível em: <<http://www.seplan.go.gov.br/sepin/perfilweb/Estatistica_bde.asp>. Acesso em: 10/07/2011.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. **Trabalho e Trabalhadores na região do “mar de cana e do rio de álcool”**. Artigo. nº 2. São Paulo. 2009. Disponível em: <mariamoraes@terra.com.br>. Acesso em: 18/08/2011.

ANEXOS

ANEXO A- Questionário aplicado aos trabalhadores migrantes na lavoura de cana-de-açúcar em Inhumas, (GO).

QUESTIONÁRIO: Trabalhadores migrantes na Lavoura de Cana-de-Açúcar em Inhumas, (GO).

I. Identificação

1. Sexo: () Masculino () Feminino
2. Idade: () Menos de 18 () 18 – 20 () 21-30 () 31-40 () + de 40
3. Escolaridade: _____
4. Estado Civil () Solteiro () Casado () Viúvo(a) () Divorciado
5. Filhos () Não tem () 2 () 3 () + de 3

II. Origem, migração e residência

6. Naturalidade: _____
7. Município/estado de moradia: _____ () área urbana () área rural
8. Tempo de moradia nesse município: _____
9. Por que mudou para esse município? _____

10. O que mudou em sua vida depois que mudou para esse município? _____

11. Para quem mora na cidade de Inhumas (GO), vive em qual setor? _____
12. Situação de sua residência: () Própria () Alugada () Cedida () Outros _____
13. Quantidade de pessoas que vivem em sua casa: () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 () + de 5
14. Pessoas que contribuem com a renda familiar: () 1 () 2 () 3 () + de 3
15. Veículo próprio: () motocicleta () carro modelo/ano: _____

III. Trabalho

16. Em quais trabalhos atuou antes da cana-de-açúcar _____
17. Além do trabalho com a cana-de-açúcar, faz mais algum trabalho? () Sim () Não
- 14.1 Qual? _____ Onde? _____ Quando? _____
18. Como conseguiu o trabalho na cana-de-açúcar: _____

19. Além de trabalhar com a cana-de-açúcar em Inhumas, faz esse mesmo trabalho em outro lugar? Onde? _____ Quando? _____

20. Função no trabalho com a cana-de-açúcar: () Cortador () Queimador () Encarregado () Motorista, veículo _____ () Outros _____

21. Período de trabalho no ano, quais meses? _____

22. Dia de trabalho na semana: () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 () 6 () 7

23. Horas de trabalho por dia: () 6 () 8 () 10 () 11 () + de 11

24. Há horário de descanso no trabalho? () Sim, quanto tempo? _____ () Não

25. Qual transporte utiliza para ir ao trabalho diariamente? _____

26. Qual é o tempo do deslocamento? _____

27. Alimentação e água no trabalho: () por conta própria () por conta da empresa () outros _____

28. Renda média mensal em salários mínimos:

() - de 1 () 1 () 2 () 3 () 3 a 4 () + de 4

29. Quais as vantagens e desvantagens de trabalhar com a cana-de-açúcar?

Vantagens: _____

Desvantagens: _____

ANEXO B – Entrevista com o Gerente da Usina Centroalcool/ Inhumas - GO

ENTREVISTA- Gerente da Usina Centroalcool/ Inhumas - GO

Parte I – Trabalhador

1. Fale sobre os trabalhadores que atuam na produção da cana-de-açúcar:
 - a) A usina possui quantos trabalhadores registrados atualmente?
 - b) Qual é o lugar de origem desses trabalhadores? Como a Usina tem acesso a eles?
 - c) A Usina contrata principalmente em qual período?
 - d) Qual é a média de tempo de duração do contrato de trabalho?
 - e) Como é o vínculo empregatício com a Usina?
 - f) Como é o pagamento: salário fixo e/ou por produção?
 - g) Qual é a média do salário de cada trabalhador?
 - h) Dentre os trabalhadores: qual é a média de idade e como é a proporção entre homens e mulheres?
 - i) Quando acaba a safra, qual o destino do trabalhador?

Parte II – Produção

1. Fale sobre a produção da usina
 - a) Qual é a origem da cana-de-açúcar beneficiada pela usina? (Vem de quais municípios? É produção própria ou é adquirida de terceiros?)
 - b) A usina determina/adota algum tipo de técnica padrão para o plantio e a colheita da cana-de-açúcar que utiliza? Qual é a mais utilizada?
 - c) Quais produtos a usina produz?
 - d) Qual é o destino da produção da usina?

Parte II – Posição de Inhumas na Produção de cana-de-açúcar

1. Como você vê a produção e o beneficiamento da cana-de-açúcar em Inhumas hoje?
2. A produção da cana-de-açúcar trouxe algum benefício para o município? Quais?
3. Quais são as expectativas para a produção da cana-de-açúcar em Inhumas?